

Congresso da UNE: Nacionalismo, Unidade e Derrota do Terrorismo

Em Quatzenha os universitários realizaram o seu XXV Congresso Nacional. Consolidaram a unidade de seu movimento, em torno de princípios nacionalistas e democrá-

ticos, elegeram novos dirigentes da sua entidade máxima e derrotaram o terrorismo do MAC e da FID. Reportagem na 8.ª página.

Anticomunismo e "Independência": Escândalo na "Tribuna da Imprensa"

Menos de uma semana durou a «nova fase independente» do patim da rua da Lavradio, que culminou com grande escândalo e volta ao ferrenho anticomunismo lacerdiano.

O ruído episódio, assim como a história das demissões de jornalistas e colaboradores, está contado na terceira página.

Crise de Abastecimento Exige Medidas Radicais Confisco Imediato Dos Estoques e Punição Para os Especuladores

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO IV — No. de Janeiro, semana de 27 de julho a 2 de agosto de 1962 — Nº 180



Viamos a Moscou de todos os cantos do mundo. Aprendemos a nos conhecer melhor; e estamos convencidos de que é indispensável e possível conjurar os perigos que os países e os homens enfrentam nos dias atuais. Mais de mil delegados, representando a maioria dos países e as mais variadas tendências, reunidos em Moscou de 9 a 14 de julho, aprovaram um apelo aos povos pelo desarmamento e a paz. Os brasileiros também participaram do Congresso, com uma delegação de 180 membros, chefiada pelo embaixador Alvaro Lins que, visto na foto quando discursava no conclave. Reportagem completa na 7.ª página.

Moscou Foi a Capital da Paz

Enquanto a inflação corrói os salários (o salário mínimo da Guanabara equivale hoje a um quilo de carne de 1.º por dia), os especuladores desafiam o povo levando à prática um criminoso plano de sonegação dos gêneros essenciais. O arroz está armazenado no RGS à espera de que aumentem os preços. O feijão está sendo comprado pelos atravessadores por preços inferiores aos tabelados pela COFAP mas não aparece nos mercados. A carne é vendida por preços que se elevam dia a

dia, prevendo-se já sua próxima escassez devido às manobras altistas dos frigoríficos. E o povo sofre nas filas e passa fome. Quanto ao governo, depois de muita movimentação, decide entregar o comando da batalha do abastecimento ao sr. Renato Costa Lima, conhecido por seus compromissos com o imperialismo e o latifúndio. A situação, entretanto, exige medidas radicais e urgentes, como o confisco dos estoques e a nacionalização dos frigoríficos. (2.ª página).

Ato nacionalista sábado na UNE

Grande Ato Público Nacionalista e Democrático será realizado sábado, dia 28, às 20 horas, na sede da UNE, sob o patrocínio do Comitê dos Bairros do Flamengo, Catete e Laranjeiras da Frente de Libertação Nacional.

LENIN E OS SINDICATOS

Patrocinado por uma comissão de dirigentes sindicais, realizar-se-á no próximo dia 30, às 19 horas, no Sindicato dos Hoteleiros (Rua do Senado, 264), coquetel de lançamento do livro de Lênin, Sobre os Sindicatos. A obra é o mais recente lançamento da Editorial Vitória.

26 de Julho: Data Dos Povos Oprimidos da América Latina

NOVOS RUMOS publica, acompanhando esta edição, suplemento dedicado ao 26 de Julho, data que marca o início da luta do povo cubano pela sua liberdade. É a nossa homenagem

NR Val Eleger Rainha da Primavera

NOVOS RUMOS, como parte da campanha para eleger os candidatos nacionalistas e democráticos no próximo pleito de 7 de outubro, estará, a partir de 1º de agosto, patrocinando grandioso Concurso para eleger a Rainha da Primavera, que culminará em vibrante festa com a presença dos citados candidatos. O concurso será iniciado a 1º de agosto, desenvolvendo-se até o dia 22 de setembro, com apurações semanais, realizadas todas as segundas-feiras às 19 horas. A apuração final será no dia 22 de setembro.

Entre as candidatas, nas apurações parciais serão premiadas as três primeiras colocadas, e no ato solene de coroação da Rainha serão distribuídos prêmios entre todas as participantes do Concurso. Enquanto, na apuração final, a segunda colocada ganhará um conjunto de roupa italiana e guarda-chuva, a primeira colocada receberá um conjunto completo de vestido, sapatos, luvas e bolsa, cabendo à Rainha da Primavera valioso relógio de ouro, com pulseira também de ouro. A coroação da Rainha será feita em grande solenidade no dia 29 de setembro, com a presença dos candidatos nacionalistas e democráticos.

Carestia

Orlando Bomfim Jr.

tura, apresentou um programa que favorece aos grandes fazendeiros e procura "resolver" os problemas do campo sem tocar na propriedade da terra. Exatamente o sr. Renato Costa Lima, que se mostra contrário a medidas mais energéticas, como a expropriação de estoques e o congelamento de preços, afirmando que "são difíceis e, nem sempre apresentam resultados".

DE QUALQUER forma, o que a conduta do governo revela é que ele está cuidando apenas de paliativos. Toda essa movimentação dos últimos dias dá a ideia de um corre-corre de sumidades médicas que se reúne porque o doente afetado de séria moléstia piorou, para tratar apenas de receber um remédio capaz de fazer baixar a febre... So os sintomas preocupam. Que a doença continue, pouco importa.

É CLARO que nosso povo se empenha pela adoção de rápidas medidas de emergência, que normalizem o abastecimento de gêneros e ponham freio à elevação dos preços. Mas nosso povo sabe também que meios sutis não resolvem e quer ver enfrentados e resolvidos, entre outros, os problemas da carestia e da inflação. E cresce a consciência de que na raiz desses males se encontram a

exploração latifundiária e a espoliação imperialista. Por isso mesmo, toma crescente vigor a exigência de um governo nacionalista e democrático, representativo das forças patrióticas e progressistas, desvinculado dos grupos que defendem os interesses do latifúndio e dos monopólios estrangeiros.

NA CONSTITUIÇÃO do Gabinete Brochado da Rocha ainda prevaleceu a nefasta política de conciliação com esses grupos. Ai está, no Ministério da Agricultura, o sr. Renato Costa Lima. Ai está, no Ministério da Fazenda, o sr. Moreira Sales, que antes de se decidir em definitivo a aceitar o cargo imensas condições, exigindo garantias de que terá carta branca para levar à prática uma política econômica-financeira contra o povo e de atendimento às determinações do Fundo Monetário Internacional. Mas também é insuportável que, por uma série de fatores, as condições se tornaram mais favoráveis para a luta e a vitória das forças democráticas e patrióticas.

O AGRAVAMENTO das condições de vida de nosso povo coloca com maior vigor a necessidade de medidas concretas contra a especulação e o acúmulo de gêneros, contra a carestia e a inflação. Medidas de emergência, imediatas, e também medidas de longo alcance, dentro de uma política econômico-financeira que atenda aos interesses nacionais, enfrentando e resolvendo os problemas e não se limitando apenas a paliativos. A mobilização das massas trabalhadoras e populares pela luta por esses objetivos é uma necessidade premente e deve igualmente ser orientada no sentido da conquista de um governo nacionalista e democrático.

Os Dólares e os "Resistentes"

Vivendo tranquilamente da indústria do anticomunismo, criando a pança em faustosos almoços no restaurante Mesbla com o adido trabalhista da embaixada lanque, John Fischburn, o sr. Floriano da Silveira Maciel prossegue desempenhando o repente papel de "presidente" da "Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres". E foi nessa "qualidade" que concedeu longa entrevista a um vezeleiro carioca, na qual afirmou que a "Resistência" foi criada para "estimular os princípios democráticos dentro do sindicalismo, contra a política partidária".

A entrevista de Maciel, ou "Maciel", conforme o denominou a reporter, foi publicada exatamente uma semana após a "reportagem sindical" de "O Globo" (11-7-62) ter divulgado informações procedentes de Washington, na qual se salienta que o governo dos Estados Unidos, através do Instituto Norte-Americano para o Desenvolvimento do Trabalho e pelo Congresso de Organizações Industriais, destinou 400 mil dólares para "ajuda" aos sindicatos operários da América Latina.

Como se vê, "Maciel" está afinado. O exemplo de Campista, outro servidor da embaixada lanque e preeminente figura da "Resistência Democrática dos Trabalhadores Livres", o animo. Campista, apesar dos modestos salários que recebia na indústria química, conseguiu tornar-se um homem muito rico. O seu apartamento, na rua general Canabarro, vale mais de 20 milhões de cruzeiros. Foi expulso da CNT, mas continua amparado pela embaixada lanque, e um az do "sindicalismo livre".

A notícia dando conta de que mais 400 mil dólares serão despendidos na América Latina para os "sindicalistas livres" reacendeu o espírito do pobre "Maciel". A sua entrevista é uma tentativa de explicação do fracasso dos pelegos no movimento sindical. Nesse sentido o "resistente" salienta: "Fui de diversas organizações sindicais dissolvidas por comunistas, porque achava que podíamos trabalhar juntos para desmascará-los. Mas hoje sei que eles são nocivos demais e que o importante é que existam diversos sindicatos de uma mesma classe".

Eis aí a confissão do fracasso e a saída para continuar entrando nos dólares: tiveram muito dinheiro para conduzir os trabalhos do III Congresso Sindical Nacional ao sabor dos interesses do imperialismo lanque e não conseguiram seus intentos — foram expulsos; embaixaram dinheiro para empregar a Federação Nacional dos Marinheiros e não conseguiram — foram expulsos; estavam sendo expulsos de todas as demais organizações que exploraram durante longos anos, isolados, reduzidos a um grupo insignificante, sem nenhuma influência nos meios sindicais, haja vista o êxito total da greve geral de 5 de julho, contra a qual se opuseram ferozmente, tentaram criar novas organizações, procurando corromper operários, com os dólares da embaixada lanque, para dividir o movimento sindical brasileiro, utilizando-se a demoralizada bandeira do anticomunismo.

Desmascarados pelos trabalhadores brasileiros, expulsos de quase todas as organizações sindicais, não lhes resta outro caminho que não seja a criação de organizações próprias, como a chamada "Resistência" ou "MOS" e a "Renovação", nas quais vão combatendo o Imposto Sindical, que quase já não lhes chega às mãos, enquanto embolsam os dólares lanques e o "MOS", de quando em vez, uma ou outra entrevista, lançam um ou outro manifesto, para justificar sua ação de "resistentes heroicos".



VITIMAS
Dezenas de mães, esposas e filhos dos rodoviários vítimas das violências de Lacerda e seu bando de policiais reclamam justiça. Justiça para os seus que lutaram para prover seus lares de mais pão. Estão essas famílias sendo auxiliadas, enquanto os maridos padecem nos cárceres, pelos trabalhadores da Guanabara. É uma resposta a Lacerda.

Liberdade Para os Grevistas Presos Por Lacerda

Alvos do ódio do governador fascista Carlos Lacerda, permanecem encarcerados e respondendo a processo, 75 motoristas, inclusive Meacando Rachid, presidente do Sindicato dos Rodoviários da Guanabara. Presos desde o dia 11 último, quando se arrolou o direito constitucional de greve para reivindicar melhores salários, uma vez que os empregadores negavam-se até mesmo a aceitar a proposta conciliatória do presidente do Tribunal Regional do Trabalho, os trabalhadores foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional, por determinação expressa do governador Lacerda.

tente que o flagrante contra Rachid fôra forjado, ao afirmarem que o mesmo não se encontrava nas dependências das empresas, mas fora delas, conversando amistosamente com um grupo de trabalhadores, quando recebeu ordem de prisão. Mesmo no momento da violência e arbitrariedade, o gerente da empresa que a todo assistia, dirigiu-se aos policiais dando-lhes o nome do homem que tanto o líder sindical como os demais motoristas que ali se encontravam não haviam cometido nenhum ato que justificasse a sua prisão.

JUIZ RECONHECE VIOLÊNCIA
O primeiro magistrado que reconheceu as violências cometidas pela polícia do governador Lacerda contra a autonomia sindical e o direito de greve foi o juiz Basílio Ribeiro Filho, da Quarta Vara Criminal, ao apreender o flagrante instaurado na Delegacia de Segurança Social contra o operário Alcides Avelino Cordeiro, também enquadrado na Lei de Segurança e no Código Penal. Afirma, em seu despacho, o referido juiz:

"Considerando que a Constituição da República em seu artigo 128 declara reconhecido o direito de greve; Considerando que nenhuma lei anterior ou posterior à Constituição pode contrariar suas disposições; Considerando que desse modo

nem o artigo 201 do Código Penal nem o artigo 13 da Lei de Segurança Nacional pode ser invocado, quando se reconhece o direito de greve, expressamente, em seu artigo 37; Considerando que da prova do presente flagrante o que se evidencia é que o requerente, obedecendo a decisão da Assembléia do Sindicato de que é sócio, se achava em greve, e aconselhou seus colegas a fazê-lo, sem para isto praticar nenhum ato de violência; Pelo exposto, verifica-se que o acusado foi preso quando apenas exercia o direito de greve, portanto, legalmente; Decido, em consequência, a nulidade do presente flagrante. Expeça-se o alvará."

TWT: GREVE LEGAL
Não só o juiz da Quarta Vara Criminal, mas também os próprios juizes do Tribunal Regional do Trabalho reconheceram abertamente as violências e o clima de coação que se estabeleceu contra os trabalhadores que se utilizavam legalmente do direito de greve.

Conforme havíamos noticiado, os dirigentes do Sindicato dos Rodoviários, ante a onda de prisões e espancamentos de operários grevistas e mediante a absoluta impossibilidade de continuarem o movimento paralisado por melhores sa-

lários, viram-se obrigados a assinares, sob condição de não serem punidos os trabalhadores, muitos dos quais com mais de 10 anos de casa, um acordo salarial imposto pela violência, segundo o qual o motorista passaria a ganhar 24.500 cruzeiros mensais, os ajudantes 17.000,00 e os demais trabalhadores teriam um aumento de 40%.

No julgamento do diário coletivo, verificado dois dias após a assinatura da greve, os juizes do Tribunal Regional do Trabalho acolheram a denúncia dos líderes sindicais, de que o acordo anterior havia sido assinado sob coação. O referido acordo, lesivo aos interesses da classe, foi anulado pelo TRT. Decidiram os juizes, por outro lado, baixar sentença determinando que o salário do motorista fosse de Cr\$ 31.500,00; dos ajudantes de Cr\$ 24.000,00; e de 60% o aumento para os demais trabalhadores, nas empresas rodoviárias de transportes de carga.

A conduta dos juizes do TRT e do desembargador Celso Lana, anulando o acordo firmado sob a coação a berta da polícia do governador Lacerda, é mais um testemunho do clima de violências que se instalou na Guanabara e contra o qual se voltam os trabalhadores e as organizações sindicais de todo o país.

Recife: Greve no Petróleo Paralisou Transportes

RECIFE (Do correspondente) — Depois de uma greve que durou mais de uma semana, os trabalhadores das empresas de petróleo do Recife conquistaram um aumento salarial da ordem de 30%, vencendo, com a pujança do movimento, a resistência dos patrões que se obstinavam na negativa de atender as reivindicações dos operários.

A greve, que terminou na madrugada de sábado, dia 21 de julho, tirou de circulação a maioria dos ônibus e táxis da capital pernambucana, que não tinham onde abastecer-se, pois a parede atinhou todas as empresas distribuidoras de gasolina.

Além da paralisação parcial dos veículos da capital, várias empresas de ônibus do interior foram obrigadas a suspender o tráfego para importantes cidades como, entre outras, Caruaru, Limoeiro e Garanhuns.

Outras consequências se fizeram sentir, como a limitação dos voos das aeronaves por escassez de combustível, e o serviço público em virtude da greve de gás, o que afetou a vida dos trabalhadores da Região Nordeste do Brasil.

MOVIMENTO
Deflagrado o movimento, logo as consequências começaram a se fazer sentir, pois já no primeiro dia apenas 50 carros-tanque conseguiram se abastecer de gás. A maioria dos terminais das seis empresas de petróleo, quando o normal é 200 carros.

E esse atendimento, que cobriu somente 1/4 do normal, foi feito por elementos da administração, engenheiros, técnicos e superintendentes das empresas, porquanto entre os trabalhadores a greve era absolutamente total.

Essa substituição do pessoal especializado no manuseio de produtos inflamáveis, em greve, por elementos incapacitados, o que punha em perigo o próprio patrimônio das empresas, originou a solicitação dos trabalhadores aos ministros da Guerra, Justiça e Trabalho, no sentido de as instalações serem guardadas por forças federais (era a polícia local que guardava os locais) e de as autoridades competentes interferirem em favor dos operários.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mário Alves
Diretor Executivo: Orlando Bonfim Junior
Gerente: Guilherme Cavalcanti
Redação: Rua do Helder, 227, 4º andar - S. 1111 - Tel.: 52-7341
Circulação: Av. Rio Branco, 157 - 9º andar - S. 2005
SÉCULA DE S. PAULO
Rua 13 de Novembro, 228
S. 2005
Tel.: 33-9455
Revista mensal
ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 300,00
Semestral 200,00
Trimestral 100,00
Número avulso 30,00
Número atrasado 18,00

ASSINATURA AFRETA
Anual Cr\$ 1.500,00
Semestral 900,00
Trimestral 500,00

A Greve de Niterói

Após uma greve sustentada heróicamente durante 16 dias, os servidores da Prefeitura Municipal de Niterói retornaram ao trabalho, mais conscientes do que nunca da necessidade de reforçar a sua organização e unidade, como único meio de enfrentar os políticos reacionários e romper a barreira da fome, que os reduz a uma vida miserável e sacrificada.

Durante 16 dias, a partir das sete horas da manhã do dia 5 do corrente, enfrentaram os grevistas a fúria de um prefeito alucinado, que serviu-se das armas e do policiamento da municipalidade e do Estado para prender e massacrar trabalhadores famintos que reclamavam uma pequena melhoria salarial, capaz de lhes assegurar a sobrevivência, mesmo em níveis de subnutrição. Mas o prefeito Dalmo Oberlander, cristão novo do PSD, nada ouviu. Com sua participação pessoal ou por sua ordem, trabalhadores foram covardemente massacrados e alguns deles ainda se encontram hospitalizados.

A greve terminou, na manhã do último dia 20, sem que os trabalhadores tivessem alcançado plenamente os seus modestos objetivos. Não puderam eles, inermes e famintos, sustentar por mais tempo a batalha contra todo o aparelho de repressão da municipalidade e do Estado. Conseguiram, contudo, a readmissão de centenas de grevistas e a promessa do governador do Estado, de lhes conceder um abono provisório de três mil cruzeiros mensais, até que sejam reestruturados os quadros do funcionalismo e realizado um exame na situação financeira da Prefeitura.

Sentiram, durante a sua luta heróica, a solidariedade efetiva dos trabalhadores fluminenses, notadamente do proletariado dos municípios de Niterói e de São Gonçalo, que por várias vezes saíram com eles às ruas, em grandes passeatas, denunciando a miséria oficializada e as violências brutais da polícia. Na sede do Sindicato dos Rodoviários, QO do Conselho Inter-sindical, os servidores instalaram o seu Comando de Greve. Ali se reuniram com todo o apoio dos trabalhadores de todas as categorias profissionais. Ali aprenderam as grandes lições sócio-políticas que lutam com valentia para assegurar a dignidade de sua vida. Os servidores não alcançaram plenamente os seus objetivos, mas os seus algozes foram também inapelavelmente derrotados no seu propósito de destruir a unidade da categoria, que continua unida e que saberá, em futuro próximo, acertar as contas com o prefeito alucinado e com todos os políticos reacionários que se voltaram contra os grevistas ou que se omitiram criminosamente na luta que se travava em torno do próprio direito de sobrevivência dos trabalhadores. Conseguindo a suspensão das demissões e a nulidade das punições que seriam impostas aos grevistas, os trabalhadores continuam a luta não só para que os termos do acordo sejam cumpridos mas, também, para conseguir a readmissão dos quatro dirigentes da Associação dos Servidores Municipais — Artur Martins Filho, Crispin Jorge da Silva, João Vasconcelos e Hugo Chor, contra os quais o prefeito concentrou todo o seu ódio.

Cessou o Reinado de Espoliação da Pernambuco Tramways

18 de julho de 1962 é mais uma data de relevo na história gloriosa de Pernambuco. As 18 horas e 25 minutos daquele dia, coroando uma luta iniciada apenas pelas forças mais progressistas e a qual, com o correr do tempo, associou-se praticamente a unanimidade da opinião pública, a empresa imperialista norte-americana Pernambuco Tramways viu chegar ao fim seu reinado de exploração e arbitrariedades no Império do Estado nordestino. Apesar das desesperadas manobras levadas a efeito até o último momento pelo trustee lanque, recusando-se a fazer a entrega ao Estado do acervo que já não lhe pertencia, depois de denegado pela Justiça um mandado de segurança que impetrou, o povo obteve uma primeira vitória. Efetivamente, julgando uma ação de sequestro de bens e de imissão de posse proposta pelo governo estadual, o juiz Pôrto Filho, da Vara da Fazenda Nacional, decretou o sequestro pedido e nomeou o engenheiro eletricitista Arnaldo Barbalho como administrador judicial dos bens sequestrados. É certo que ainda resta a decisão sobre a ação de imissão de posse pelo Estado, mas o fato de já não estarem os homens da American & Foreign Power à frente da empresa constitui uma importante conquista do povo.

A partir do momento da assinatura do contrato para exploração dos serviços de eletricidade e gás em Recife, em 1913, a Pernambuco Tramways iniciou o processo de espoliação do povo pernambucano. O pequeno investimento inicial que fez foi pago muitas vezes através de tarifas elevadíssimas. Os serviços, mesmo na melhor fase da companhia, não foram além do sofrível, uma vez que, não obstante as obrigações contratuais, ela sempre esteve ausente de vastas áreas da capital pernambucana. Detendo o monopólio dos serviços, não se ampliou nem permitia que nenhuma outra companhia suprisse suas deficiências.

Entretanto, a partir da última guerra, acentuou-se o caráter parasitário e meramente explorador da Pernambuco Tramways. E depois que entrou em funcionamento a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e a eletricidade ali produzida chegou a Recife, a Tramways passou de produtora a distribuidora de energia. Fez sua usina termelétrica, vendendo por preço altíssimo a energia que comprava a preços baixos à CHESF. Já estava um motivo gritante para rescisão do seu contrato, mas, mesmo assim, as autoridades estaduais esperaram que se esgotasse o prazo de vigência, o que se deu a 17 de julho último. Nos termos do contrato, findo este os bens da Tramways deveriam reverter ao poder concedente, isto é, ao Estado. Mas, na data prevista, a empresa imperialista alegou que tinha uma indenização a receber, daí a resistência que opôs ao cumprimento do contrato.

Sucedeu, todavia, que a Tramways nada tem a receber do Estado, mas, pelo contrário, é devedora. Efetivamente, o tombamento físico e contábil do seu patrimônio, realizado nos termos da legislação específica brasileira, revelou que os lucros auferidos pelo trustee lanque superava amplamente o valor dos bens que lhe restavam. Assim, não tinha nem qualquer acúmulo legal a resistência oposta pela Tramways.

O que se passa é que a American & Foreign Power Co., da qual a empresa que operava em Pernambuco é uma das subsidiárias no Brasil, decidiu não reconhecer a legislação brasileira. E já tem mesmo em seu poder uma dezena de pareceres encomendados a juristas de aluguel, segundo os quais somente é válido o tombamento físico — dos postes, fios, transformadores, geradores, etc. —, mas não o contábil. Recusa-se, mais ainda, a admitir que o Poder Público possa fixar um teto de lucros para os serviços públicos concedidos. Numa palavra, deseja fazer tábuas rasas das leis brasileiras e conduzir-se aqui como se fôssemos uma colônia.

Intervindo diretamente na questão em nome do governo norte-americano, o embaixador Leonardo Saccio, coordenador da "Aliança para o Progresso" no Brasil, fez uma série de ameaças veladas ao governo pernambucano, sugerindo que a reversão dos bens da Tramways ao Estado poderia dar origem a "represálias" por parte do governo dos Estados Unidos, como o corte de verbas da Aliança, etc. É evidente que a posição assumida pelas forças democráticas e populares em Pernambuco foi mais forte — pelo menos até aqui — do que as ameaças do governo lanque. Mas, ao mesmo tempo, o episódio serviu como mais uma prova do verdadeiro caráter da Aliança para o Progresso, programa dos trustees, para a defesa dos privilégios dos trustees norte-americanos no Brasil, obtendo os anseios de libertação nacional do povo brasileiro.

Tendo vencido a primeira etapa de sua luta para livrar-se da indesejável companhia norte-americana, os patriotas pernambucanos preparam-se agora para a vitória definitiva, com a imissão de posse do Estado nos bens da empresa lanque e, principalmente, para dar ao povo os serviços que ele não pôde ter devido à sede insaciável de lucro da Inada Pernambuco Tramways & Power Co.

Novo Salário Mínimo na Ordem do Dia: Carestia Impõe Reajustamento

A chamada crise do abastecimento, diante da qual as autoridades continuam apenas a anunciar providências sem tomar medidas reais, está evidenciando cristalinamente as agruras que vêm passando as camadas assalariadas da população, particularmente as massas trabalhadoras que merecem apenas o nível mínimo de salário. Os gêneros alimentícios e artigos de primeira necessidade estão por preços proibitivos. Nada detém os sucessivos reajustes determinados pelos especuladores inescrupulosos e insaciáveis. As medidas de profundidade capazes de conter a onda inflacionária, tantas vezes apontadas ao governo pelas organizações operárias e populares e pelas associações de donas de casa, não são consideradas. O trabalhador como cada vez menos, quando come.

A situação não pode perdurar: é inevitável e urgente uma revisão nos níveis salariais, elevando-se o limite mínimo a uma cifra que permita ao trabalhador sobreviver em decentes na política econômico-financeira do governo e à ganância dos comerciantes. A necessidade do reajustamento salarial e reconhecida por todos, até mesmo círculos governamentais. Em entrevista ao m. t. u. t. l. no "Diário de Notícias" (edição de 16-VII), o secretário de imprensa da presidência da República, sr. Raul Riff, vem de afirmar que "diante da impossibilidade prática do sistema de subvenção de preços e contenção de custo de vida que vem sendo estudado pelo governo, será inevitável uma revisão do salário mínimo, dentro de níveis que possibilitem ao trabalhador a existência condigna".

Nas palavras do alto auxiliar do presidente da República está anunciado o fracasso das supostas providências governamentais de combate à carestia. Os trabalhadores que continuarão a exigir do governo as medidas capazes de deter a subida cósmica dos preços estão se movimentando desde já também para a organização de uma campanha por aumento de salários gerais que lhes permita fazer frente ao encarecimento dos gêneros e das utilidades.

CRISE DE ABASTECIMENTO EXIGE MEDIDAS RADICAIS

Confiscar os Estoques Sonegados e Expulsar os Trustes Espoliadores

Depoendo perante a Comissão Parlamentar de Inquérito formada pelo Senado para estudar os problemas de abastecimento, o secretário do Sindicato dos Consignatários de Gêneros Alimentícios, sr. Pedro Aquino, afirmou, com o mais brutal descaramento: "Em certas situações, como a atual, a especulação e norma de comércio". A declaração está estampada na edição do dia 20 do corrente de "O Globo".

Touco mais de um mês atrás, no dia 14 de junho, numa dramática reunião da Associação Comercial, o sr. Jaime de Freitas proclamava: "Todos nós ganhamos dinheiro. Se nós dispusermos a ganhar menos, poderemos acabar com a inflação". O sr. Antônio Carlos Osório, outro tubarão da A.C., confessava: "Posso afirmar que a sonegação, presentemente, é estimulada pela própria fiscalização desonestas". E o sr. Luiz Cabral de Menezes, outro do alto comércio carioca, reconhecia que as chamadas classes produtoras poderiam debelar a inflação "empréstando ao povo, mediante a compra de apólices, até 500 bilhões de cruzeiros, contribuindo para este montante pelo menos parte do 1 bilhão e meio de dólares que brasileiros de fortuna possuem depositados no exterior". Estas afirmações foram textualmente reproduzidas na edição de 15 de junho do "Correio da Manhã".

Aliados aos tubarões e latifundiários do Rio Grande do Sul e de outros Estados, estes são os grupos econômicos diretamente responsáveis pela atual penúria de

gêneros alimentares essenciais à população, especialmente na Guanabara. É evidente que não pretendemos apresentar isoladamente a especulação como o único fator, nem mesmo o fundamental. Basicamente, a crise de abastecimento e a carestia da vida resultam de fatores mais profundos: a espoliação imperialista de nosso País, a existência do latifúndio, a ação dos monopólios e a vertigem inflacionária. Mas, neste momento, a atuação criminosa dos sonegadores assume uma gravidade particular. É típico, nesse sentido, o caso do arroz.

A atual saída de arroz — sonegada a produção nacional com a de outros Estados produtores — é suficiente para cobrir o consumo habitual de todo o País e permitir ainda a formação de excedentes. Isto foi realizado pelo governador Leonel Brizola em sua palestra na televisão na última terça-feira. O que acontece, entretanto? Acontece que os grandes tubarões (os mesmos que reconhecem que "se nós dispusermos a ganhar menos poderemos acabar com a inflação") do Rio e do RJ estão levando à prática um criminoso plano especulativo: adquirir toda a produção gaúcha destinada aos outros Estados e reter em seus armazéns milhões de sacos do produto à espera de que sejam elevados os preços impostos aos consumidores para, sobre a fome do povo, aumentarem em proporções fabulosas os seus lucros ilícitos. O plano foi denunciado à Nação pelo governador Brizola. Mesmo dispondo de recursos — adiantou

o governador gaúcho — o latido sulino não pode adquirir mais arroz para fornecer à COFAP, como vinha fazendo, porque o arroz já não pertence aos produtores; foi adquirido pelos especuladores e é conservado em estoques, na expectativa de que os preços aumentem.

Só há, portanto, para o caso uma solução: o imediato confisco dos estoques pelo governo federal nos termos da lei que criou a COFAP, para a distribuição direta entre os consumidores. Não existe outro caminho, quando são os próprios grandes comerciantes que dizem considerar a especulação como uma norma de comércio.

Quanto ao feijão, embora se saiba que a sua produção este ano não foi tão satisfatória quanto a do arroz, sabe-se também que há uma desenfreada e criminosa especulação. O próprio presidente da COFAP, depoendo perante a Comissão de Inquérito do Senado, declarou que a escassez do feijão é devida a razões artificiais e que o produto, negado ao fornecimento da Guanabara, foi adquirido pelos atacadistas até Cr\$ 1.500,00 a saca, preço inferior ao tabelamento pela COFAP (O Globo, edição de 17 de julho). Estamos mais uma vez, portanto, diante da realidade, de que a sr. Pedro Aquino confessou: a especulação como norma de comércio. Acontece, porém, que a especulação é crime, e como crime tem que ser punido. Mas o que se dá é que temos na Guanabara um governo que premia e estimula

la os sonegadores, enquanto reprime como criminosos os trabalhadores que vão a greve por melhores salários porque não têm 1 bilhão e meio de dólares depositados em bancos no estrangeiro. Também no que se refere ao feijão não há, como medida imediata, outra solução a não ser o confisco dos estoques.

Enquanto continuam faltando o arroz e o feijão e, em geral, todos os demais gêneros têm os seus preços incrivelmente majorados, já se espera um novo agravamento do problema da carne. É a própria COFAP que o avverte, através das conclusões a que chegou o seu Grupo de Trabalho. "E' desenfreada a ganância dos frigoríficos", afirma o presidente do GT, sr. José Cândido Nunes Pires. E o que vem acontecendo é que esses frigoríficos tem que impedir os grandes monopólios norte-americanos vêm impondo já novos aumentos aos varejistas. Aqui, além da fixação de preços que correspondam ao poder aquisitivo das massas, torna-se uma necessidade inadiável a nacionalização dos frigoríficos. Essa exigência, pela qual se vêm batendo há muitos anos as forças nacionalistas e democráticas, figura, aliás, como uma das conclusões do Grupo de Trabalho instituído pela COFAP. E uma medida de interesse vital para o povo brasileiro e a economia do país.

Em face de tão grave situação e da necessidade de medidas radicais, que faz o governo? Houve, nos últimos dias, uma enorme mo-

vimentação do Conselho de Ministros e do Presidente da República em torno desse problema. Muitos possíveis soluções foram aventadas. Mas o que, concretamente, resultou de tudo não foi mais do que um novo parto da montanha: decidiu-se confiar ao Ministro da Agricultura, conhecido latifundiário e comando da batallha do abastecimento. E o que o sr. Renato Costa Lima prometeu, na prática, foi evitar a adoção de qualquer medida realmente eficaz e fazer "apelo" ao comércio. Ora, apelo tem sido feitos a vontade, inclusive pelo sr. Carlos Lacerda que, ainda há poucos dias, se dirigia aos tubarões "apelando" no sentido de não vendem o arroz e o feijão se não por preços mais altos que os tabelados pela COFAP. De que podem valer os "apelo" quando os sonegadores defendem de público a especulação como uma norma de comércio?

Não são medidas desse tipo que os trabalhadores e o povo exigem dos homens do atual governo. O que se impõe é a adoção de uma política clara e corajosa, contra a especulação e os monopólios: uma política de abastecimento e uma política geral no plano econômico-financeiro que golpe de fato o imperialismo, o latifúndio e os seus parceiros do alto comércio especulador. Quer dizer: o oposto do que prometem fazer os ministros Costa Lima e Moreira Sales, comprometidos por suas ligações e seus próprios interesses com os responsáveis e beneficiários da crise que esfomeia o povo brasileiro.



Comício em Vila Isabel

Grande massa popular afluía à Praça Sete, em Vila Isabel, para participar do comício nacionalista realizado sábado, dia 21, naquele local.

Entre outros oradores falaram na ocasião o jornalista Marco Antônio Coelho (foto), e os deputados Hércules Correia e Roland Corbisier.

Em seu discurso, Marco Antônio Coelho fez uma análise da situação política nacional e alertou os presentes para a necessidade de lutar por um governo nacionalista e democrático e eleger a 7 de outubro candidatos que modifiquem radicalmente a composição do Parlamento.

PARAÍBA: CONGRESSO DE CAMPONESES DIA 29

Instala-se no dia 29, em João Pessoa, o Congresso das Ligas Camponesas da Paraíba.

As organizações dos trabalhadores agrícolas e lavradores daquele Estado nordestino ganharam projeção nacional nos últimos meses com os sangrentos acontecimentos de Sapé, onde vários dirigentes da massa rural pobre foram assassinados ou baleados por capangas dos latifundiários. A última de suas vítimas foi o presidente da Liga de Sapé, João Pedro Teixeira, assassinado corajosamente por quatro capangas dos fazendeiros. Mais recentemente, um filho seu, de 11 anos, foi ferido a bala pelos bandos assassinares.

Se este é o aspecto exterior, emocional, do movimento das ligas, não se pode

ocultar no entanto outro aspecto, que é o importante e fundamental: as Ligas camponesas do Nordeste e particularmente da Paraíba vêm-se reforçando grandemente, aumenta dia a dia o número de seus filiados, cresce sua organização, bem como sua influência no meio do campesinato pobre. Por este motivo é que os grandes fazendeiros se lançam em fúria contra seus filiados, numa tentativa de intimidá-los pelo terror. Mas em vão. O movimento das ligas já se tornou incontível. É parte integrante da grande luta pela Reforma Agrária em todo o Brasil.

O Congresso das ligas paraibanas vai constituir um passo à frente na sua organização e combatividade.

ESCÂNDALO NO PASQUIM DE LACERDA

Anticomunismo Deu Uma Semana de 'Independência' à 'Tribuna'

As dificuldades da "Tribuna da Imprensa" vêm de longe. Todos estão lembrados da trapaceira que Lacerda organizou em meados de 1960 para abiscotear valiosos terrenos da av. Chile em troca do pardieiro em que funcionava (e ainda hoje funciona) e agonizava seu boletim na rua do Lavradio, como fórmula mágica, e desonesta, para salvar a empresa da bancarrota.

Mais recente é o episódio de sua ida a Brasília, em agosto de 1961, para, chorando grossas lágrimas, impiorar ao então presidente Jânio Quadros que salvasse seu filho Sérgio Lacerda que, à frente do pasquim, "tão jovem já fracassara como homem de empresa".

O 'ARREGLO'

Passado mais algum tempo, Lacerda conseguiu se desatolar do emaranhado em que se metera com a "Tribuna", através da composição com o "Jornal do Brasil", segundo a qual passou para este todo o ativo e o passivo da empresa, isto é, livrou-se, sem nenhum ônus, de todas as dívidas e todos os prejuízos. Com a cober-

tura financeira do sr. Magalhães Pinto, através do Banco Nacional de Minas Gerais, o líder das malandras, segundo o contrato, ficaria ainda recebendo royalties de Cr\$ 600.000,00 mensais pelo título. Um belo negócio, sem dúvida.

A direção do boletim ficou a cargo do sr. Nascimento Brito, do "Jornal do Brasil", que organizaria a redação. Este levou seu pessoal para a "Tribuna", confiando a chefia da redação a Mário Faustino, também do JB, dando-lhe carta-branca para o trabalho.

Para lá foram levados Hermanno Alves, Millor Fernandes, Paulo Francis e outros, tidos como esquerdistas, ao mesmo tempo em que continuava figurando na direção o jovem fracassado homem de empresa Sérgio Lacerda.

O 'BÓLO'

Formadas direção e redação, o órgão "independente" começou a circular dia 12 de julho. Mas a independência, que passou despercebida dos leitores, começou a criar bo-los, desinteligências e con-

fusões entre as partes do "arreglo".

Culminou com a feia briga entre o fracassado genro do sr. Clemente Mariani e o sr. Hermanno Alves, onde as palavras delicadas não tiveram trânsito.

Vai daí, arrojaram-se as cravilhas, com a exigência da demissão para os "independentes".

AS REUNIÕES

Em meio à barafunda, o escandaloso governador do Estado convocou uma reunião com o sr. Nascimento Brito, acusando-o de traír o acordo quanto à orientação do jornal, levando só "comunistas" para a redação.

Lacerda ressaltou na oportunidade que era errado querer fazer um jornal esquerdistazinha, quando está havendo um gordo financiamento dos órgãos de direita por parte do IPES, CONCLAP, e outras organizações das "classes produtoras", lembrando também as pressões feitas pelas agências de publicidade, que pretendem cortar os anúncios em jornais que manifestem qualquer simpatia pelas esquerdas.

Assistiu à reunião o sr. José Luiz Magalhães Lins, sobrinho e homem de confiança do governador Magalhães Pinto na direção do Banco Nacional de Minas Gerais, que, espertamente, esquivoou-se de opinar na discussão, que classificou de "ideológica", pois sua intervenção limitava-se às questões financeiras da empresa.

Como a reunião terminou em impasse, de vez que o sr. Nascimento Brito parecia não querer ceder, Lacerda convocou outra, dias depois, e veio com sua "contaminada" orientação do pasquim não mudasse e seus redatores não fossem demitidos, "denunciar de público", expressão muito de seu agrado, "que os comunistas assaltaram a Tribuna da Imprensa".

A HISTERIA

A histeria anticomunista do fundador do órgão do clube da lanterna foi além: dirigindo-se ao Conselho de Segurança Nacional, denunciou a nova orientação do pasquim como subversiva, perigosa para as instituições do país.

O CSN, alertado e alarmado, chamou às falas o major Cibulares, que escreveu no "Jornal do Brasil" e aceitou o cargo de superintendente da "nova Tribuna". O major, que se notabilizou tristemente na COFAP, pediu demissão às carreiras tanto do JB como da "Tribuna", defeção que foi o primeiro êxito de Lacerda na crise.

A CAPITULAÇÃO

O sr. Nascimento Brito resolveu, afinal e rapidamente, capitular, abandonando da "independência" tão fartamente apreçada dias antes de começar a chamada nova fase do pasquim.

Além de demitir os "comunistas" que assaltaram a "Tribuna", publicou domingo uma entrevista de Lacerda enchendo quase totalmente a 3a. página do "Jornal do Brasil", onde o agitado empresário de greves atribuiu à política exterior adotada pela Itamarati toda a culpa pela péssima situação do Brasil no plano internacional e pela intransigência que ele vê no plano interno, o que está em frontal oposição com a até bem recente posição de defesa da política externa adotada pelo jornal da condessa.

No dia 18, menos de uma semana após iniciada a "nova fase", a crise estorou na

rua do Lavradio, quando o pessoal da casa soube das demissões.

A tarde já lá avançada, perto da hora de encerrar o expediente do dia, e a revolta se apossou dos homens responsáveis pela circulação do jornal, que se puseram a rasgar os originais que deviam descer para a oficina e daí retiraram as matérias que já estavam compostas em chumbo, prontas para a impressão.

Enquanto a justa cólera dominava os despedidos, a "velha guarda" do pasquim, — elementos de pouca qualificação profissional que nunca puderam trabalhar em outro jornal, por isso permanecendo com Lacerda desde a fundação do boletim — reuniu-se secretamente numa das salas do prédio, conspiciando, ao estilo do patrão, a retomada do poder na direção da "Tribuna".

AS DEMISSÕES

As demissões foram feitas sem nenhum respeito pelos profissionais que ali estavam porque haviam sido convidadas. Não receberam nenhum aviso, pelo menos. O repórter que estava fazendo a cobertura do Congresso da UNE, no Hotel Quitandinha, por exemplo, foi colhido em pleno trabalho. Estava no plenário, quando foi abordado por um elemento que, dizendo-se da "Tribuna", comunicou-lhe a demissão e avisou que vinha substituí-lo.

Foram despedidos os "comunistas" Mário Faustino, Hermanno Alves, Paulo Francis, Millor Fernandes, Theza Cesar Alvim e outros. Os que ainda permaneceram enfrentam um clima de grande tensão, vigiados pelo fracassado jovem, que passou a frequentar o jornal, e ameaçados de sair a qualquer momento.

Mário Faustino teve de abandonar seu posto também no "Jornal do Brasil" e outros, como Hermanno Alves, por exemplo, correm o mesmo perigo sob as vistas do sr. Nascimento Brito que, alertado por Lacerda, passou a ver mais lucros nas gulandras para a direita.

Durou menos de uma semana — de 12 a 18 de julho — a "independência" da "nova Tribuna". A história de Lacerda e as polpudas verbas do IPES, CONCLAP, agências de publicidades e congêneres puseram novamente em ordem as coisas no boletim da rua do Lavradio.

DINHEIRO DO POVO PARA A MENTIRA

Os cariocas já conheciam os painéis vistosos — e custosos — que o sr. Carlos Lacerda manda afixar junto a obras que se realizam no Estado da Guanabara. Muitas vezes são obras apenas previstas, nem sequer iniciadas. Outras vezes, os painéis se plantam junto a simples buracos, qualquer remoção de terra, calcamento desviado, trabalhos comuns de todos os prefeitos anteriores.

Agora, os esbanjamentos da publicidade pessoal do malogrado administrador passou para as páginas dos jornais. Páginas caríssimas dos grandes jornais, páginas inteiras, em edições sucessivas.

Quando centenas de milhares de cariocas vivem na maior pobreza, na miséria mesmo, o governador do Estado prodigaliza os dinheiros dos cofres públicos à grande imprensa. Faz propaganda pessoal, a mais demagógica e falsa, como essa que corre as colunas dos diários cariocas: "Não faltará mais água no Rio de Janeiro".

A verdade é que continua faltando o escasseando água em muitas zonas do Rio,

sem falar nas favelas, que são habitadas hoje por cerca de 1 milhão de cariocas.

Para o cidadão da Guanabara ter uma pálideia ideia do que representam os gastos fantásticos do sr. Lacerda com sua mísera propaganda, basta citar o fato de que uma página inteira do "Correio da Manhã" é cobrada a mais de 200 mil palavras. Outros jornais vão ainda mais longe por página.

Mrs. Lacerda, cercado hoje do repúdio até mesmo de uma parte considerável de seu eleitorado, ao ver se aproximarem as eleições, tenta enganar os tolos, fazendo passar-se por um realizador, quando se revelou o mais completo fracasso administrativo, mergulhando seu governo na lama da corrupção, do suborno, da jogatina, do roubo, do desvio de material do Estado, de que é exemplo flagrante o caso da sucatada do coronel Fontenelle.

A opinião pública se esclarece com a realidade prática, e não se deixará mistificar com a demagógica propaganda do governador, suas palavradas "mensagens de esclarecimento".

Walmor Barreto não é apoiado pelos comunistas

Fora de Rumo Paulo Motta Lima

Os comunistas baianos tornam público que o sr. Walmor Barreto não mais pertence às suas fileiras, não tem o seu apoio como candidato nas próximas eleições, nem pode, portanto, falar em nome dos comunistas.

Ajuda a NOVOS RUMOS
(Rio — GB) — 1.210,00 Amigos da Saúde

Anúncios Classificados

ADVOGADO — Rubens Pereira Pinto — Horário: das 2as. às 6as. feiras, das 16.30 às 18.30 horas. Rua Silveira Martins, 70 — 2º andar — 4/210. Tel.: 32-6822 — S. Paulo

Muita gente conhece o senador Vitorino apenas como um "profiteur" da cúpula do PSD. Sua origem e o seu surgimento na alta política são episódios pouco difundidos. Do ponto de vista do arquivismo, o sr. Vitorino Freire é uma figura admirável, não há dúvida.

Em 1930 ele tomou um trem de tropas, no interior de Pernambuco, rumo ao Sul. Ingressou numa das colunas que marchavam para a Bahia. Essa tropa irregular procurava organizar-se, tanto quanto possível, em plena campanha. Nesse ambiente de confusão surgiram os sargentos de balala e o atual marechal do PSD foi um desses sargentos. Como se promovia, na coluna do tenente Jurael, um sargento de balala? A formalidade era singela: Um subtenente subia num caixão e aí depositava um balão cheio de divisas. A tropa ficava em torno do pedestal de madeira. O subtenente ia jogando as divisas de cabos, terceiros, segundos e primeiros sargentos. Vitorino, dando um salto, em meio à frenética disputa, pegou uma divisa de terceiro sargento, colocou-a no braço com um alfinete e a segurou lhe deram o comando de um grupo de combate, composto de praças que pulavam menos que ele.

Animado ante o sucesso fácil, Vitorino transformou a vida numa corrida de obstáculos. De pulo em pulo, alcançou o gabinete do então ministro Mendonça Lima. Ia ao armazém e à quitanda e fazia compras para a dispensa do general Mendonça. Conquistou a benevolência da esposa do ministro, então segunda dama do país. Ganhou prestígio. Durante o Estado Novo as obras do Ministério da Viação eram entregues a firmas particulares sob vários critérios. Vitorino passou a influir nessa área. Quando o Estado Novo acabou, o ex-sargento de balala já se encontrava em condições de obter, por compra, um mandato parlamentar. Examinou os preços. Um lugar de senador por seu Estado, Pernambuco, era caro. Em Alagoas, Maranhão e Goiás, muito caprichosos. Na Paraíba e no Rio Grande do Norte os preços ainda eram salgados. Vitorino escolheu o Maranhão. Sua situação assemelha-se a de outras figuras de nosso sortimento de estadistas. Nessas classes dominantes não têm muita disponibilidade para o ramo político, mais difícil que o de séculos e molhos. E aí está Vitorino senador, a pontificar sobre Angola e Cuba, em jornais de Rio de Janeiro.

Nota Econômica
Josué Almeida

Reivindicações da indústria nacional

Uma das características da atual etapa da luta pelo desenvolvimento independente da economia brasileira é a participação de destacados representantes da indústria nacional. Um exemplo é o industrial José Ermirio de Moraes, chefe do poderoso grupo Votorantim, que reúne dezenas de fábricas de importação essencial para a economia do país. Em recentes pronunciamentos, dos quais destacamos uma entrevista concedida à imprensa recense e o último relatório anual da diretoria da Sociedade Anônima Indústrias Votorantim, aquele industrial exprime um ponto de vista — que já não é apenas seu, mas sim de um número crescente de empresários brasileiros — sobre uma série de problemas. E, conquanto outras forças nacionalistas possam levantar objeções a determinados aspectos e a certas opiniões, não se pode deixar de concordar com muitos dos pontos de vista básicos ali expostos, notadamente no que se refere ao capital estrangeiro. Não é demais insistir em que as teses defendidas pelo sr. Ermirio de Moraes refletem as aspirações de influentes grupos industriais brasileiros, para não mencionarmos o próprio grupo Votorantim, que é hoje o mais poderoso entre os grupos privados nacionais.

Em ambas as oportunidades referidas, o sr. Ermirio de Moraes encarece a necessidade de ser posto termo ao tratamento discriminatório entre o capital nacional e o estrangeiro, do que resulta ser este último cumulador de privilégios. Ainda em relação ao capital estrangeiro, o sr. José Ermirio de Moraes realça o ponto de vista dos industriais brasileiros contrário a que empresas estrangeiras possam importar equipamentos sem cobertura cambial, quando isto é vedado aos empresários brasileiros. Como se sabe, esta tem sido uma das vias mais utilizadas pelos monopólios estrangeiros para desmantelar a indústria nacional. Outra opinião, também partilhada pelas demais forças nacionalistas, é a que preconiza a proibição de investimentos de capitais estrangeiros em setores de produção de bens supérfluos e de luxo, ou onde a indústria nacional já é suficiente e, também, em setores básicos que controlem matéria-prima essenciais.

Numa série de outras questões, como a de concessões de lucros e os investimentos estrangeiros, das patentes, da política de minérios, da produção e distribuição de energia elétrica, do pagamento de "royalties" ao estrangeiro (uma e outra e indus-

trial pede uma suspensão por 10 anos), há coincidência dos seus pontos de vista com aqueles por que lutam as diferentes correntes nacionalistas.

Do mais vivo interesse é também o depoimento do sr. Ermirio de Moraes acerca da sabotagem que sofreu por parte dos trustes estrangeiros, como a "Reynold" e a "Kaiser", quando decidiu empreender a exploração de determinados ramos industriais no Brasil. Possuindo fábricas em dois terços dos Estados brasileiros, declara a presidente do grupo Votorantim que "já-mais recorremos a qualquer forma de auxílio do capital estrangeiro" e precisamente neste particular reside uma das explicações para a contínua expansão do grupo.

Ao abordar o conjunto dos problemas brasileiros, o sr. José Ermirio de Moraes o faz rigorosamente de acordo com o espírito e os interesses do setor da burguesia nacional do qual, sem dúvida, é a figura mais representativa. Essa autenticidade se reflete, por exemplo, na oposição ao aumento dos salários, em geral, inclusive dos trabalhadores. É evidente que a classe operária jamais poderá conciliar-se com esse ponto de vista. E não apenas para neutralizar o confisco decorrente da inflação, como para ampliar legitimamente sua participação no aumento das riquezas nacionais, num país onde os salários oscilam entre 10 e 11% do preço de venda dos produtos industriais.

Entretanto, a principal lacuna nessas pronunciamentos do destacado homem de indústria reside na total omissão quanto ao problema essencial e decisivo da reforma agrária. Nas suas considerações sobre a agricultura, no relatório da Votorantim, o sr. Ermirio de Moraes não foi além de observações de caráter técnico, sem qualquer referência ao problema da propriedade territorial. Por quê? Pelo temor a uma alteração do sistema de propriedade, em geral? Entretanto, por mais empreendedor que seja um industrial brasileiro, suas aspirações de progresso e desenvolvimento encontrarão cada vez mais uma sólida limitação no latifúndio. O caminho do desenvolvimento industrial passa necessariamente pela supressão — ou pelo menos a limitação — do latifúndio. Assim foi no passado e assim é também agora — com maior razão ainda — no século do socialismo.

JURACI: CANDIDATO DO MAC

A UDN carioca submeteu-se, mais uma vez, às imposições de Lacerda: foi oficializada a candidatura de Juraci Magalhães ao Senado, pela Guanabara. Frustraram-se as pretensões de numerosos líderes identistas de Rio, em favor do governador da Bahia, que durante certo tempo alimentou a ilusão de vir a ser candidato ao Senado pela Boa Terra, mas se convenceu, afinal, de que o povo balanço lhe inflingiria devastadora derrota. Acolheu-se nos braços de Lacerda.

Se Juraci escapou ao julgamento do povo baiano, não escapará, entretanto ao repúdio dos cariocas, que tanto como os balanos amam as liberdades democráticas e lutam contra o entreguismo, Juraci, que por várias vezes já brigou com Lacerda e com ele se reconciliou, é hoje um dos mais ferrenhos e raiosos algozes do povo. Seu governo da Bahia notabilizou-se por uma série de vergonhosas negociações (o jogo do bicho, as empresas criadas pelo seu filho Jatá, etc.), a total

inépica administrativa e a histeria fascista. Cabe a Juraci um mérito que faz inveja ao próprio Lacerda: o uso de céas "educadas" para esmagar as manifestações democráticas dos trabalhadores e dos estudantes. Os céas de Juraci foram postos na rua várias vezes, particularmente em agosto de 1961 e nos dias da última crise de governo.

Juraci, candidato de Lacerda e do MAC, será esmagadoramente derrotado pelo povo carioca.

Congresso de Libertação Nacional de 21 a 24 de Agosto: São Paulo

Durante os dias 21, 22, 23 e 24 de agosto próximo reunirão-se na capital de São Paulo o Congresso de Libertação Nacional, grande assembleia de todo o povo brasileiro para o debate das questões que conduzirão à emancipação nacional, ao desenvolvimento independente do país, à melhoria do nível de vida das massas, à conquista de um governo nacionalista e democrático e à luta pela renovação do parlamento, com a tomada de medidas que possibilitem dar às casas legislativas, no maior grau possível, um caráter de autêntica representatividade popular. A grande reunião, anteriormente marcada para Goiânia, foi transferida para São Paulo, em virtude de sugestões e propostas de diversas das suas organizações preparadoras, de vários Estados.

«CARTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL»

As resoluções do Congresso serão enfiadas em um documento que se chamará «Carta de Libertação Nacional». As reformas de base, particularmente a agrária, a universitária e a urbana, a nacionalização das empresas estrangeiras, a luta pelo governo nacionalista e democrático e pela renovação do parlamento constituirão o núcleo da «Carta de Libertação Nacional». Na sua elaboração serão consideradas, além evidentemente, do resultado dos quatro dias de debate do Congresso, as resoluções do IV Encontro Sindical Nacional, do XXV Congresso Nacional dos Estudantes e I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte, em novembro do ano passado.

SIGNATÁRIOS DA CONVOCAÇÃO

O manifesto de convocação do I Congresso de Libertação Nacional está assinado pelas seguintes personalidades:

— Governadores, do Estado de Leonel Brilhante (do Rio Grande do Sul), Mauro Borges (do Rio de Janeiro), Gilberto Mestrinho (do Amazonas), Aurélio do Carmo (do Paraná), Othello Rodrigues (do Piauí) e Celso Fagundes (do Estado do Rio).

— Engenheiro Polípidas Silveira (vice-governador de Pernambuco), dep. Arlindo Porto (presidente da Assembleia Legislativa do Amazonas), dep. A. Carlomagno presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul), dep. Vidal Vanhoni (presidente da Assembleia Legislativa do Paraná).

— Miguel Arrais (prefeito do Recife), Djalma Maranhão (prefeito de Natal), Luis Gonzaga de Miranda (prefeito de João Pessoa), José Cláudio de Sousa (prefeito de Manaus).

— Deputados federais Sérgio Magalhães, Fernando Santana, Barbosa Lima Sobrinho, Bento Gonçalves, Almino Afonso, José Joffly, Neiva Moreira, Breno da Silveira, Lúcio Alves, Cláudio de Freitas, Temperant Pereira, Salvador Losacco, Tenório

Cavalcanti, Jonas Balense, Celso Brant, Heli Ramos, Ferro Costa e Adão Pereira Nunes.

— Moacir Pereira (presidente da Câmara Municipal de Florianópolis), Eroni Silveira (presidente da Câmara Municipal de Curitiba).

— Deputado Francisco Julião (presidente do Conselho Nacional das Ligas Camponesas), Huberto Mendes Pinheiro (presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito), Lindolpho Silva (presidente da União dos Lavradores do Brasil), Aldo Silva Arantes (presidente da União Nacional dos Estudantes), Benedito Cerqueira (presidente do Sindicato de Metalúrgicos da Guanabara e secretário da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria), Jerbas Santana (presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundários), Manoel Ferreira Lima (presidente da Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado do Rio), embaixatriz Heloisa Ramos de Barros Lins, padre Francisco Lage, deputado Hernani Maia, João Santana (presidente da União Nacional dos Estudantes Técnicos Industriais), Mário Lucio Aves Batista (vice-presidente da UNE), Antônio Pereira da Silva Filho (presidente do Sindicato dos Bancários da Guanabara), Nestor Vera (secretário da ULTAB), coronel Oscar Bastos (secretário executivo da Frente de Libertação Nacional), professor Henrique Miranda (do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional), coronel Luiz Bayardo da Silva (presidente da ADISEB), escritora Lúcia Mulholland (da Liga Feminina da Guanabara), Eison Costa (da Fed. dos Trab. Aros de Minas Gerais), Eric Trenchi (da ULTAB), Nelson Alves (do Movimento Nacionalista Brasileiro).

General Felicíssimo Cardoso, general Sampson Sampaio, dr. Abel Chermont (pelo Movimento Hra. dos Partidários da Paz), Mourão Filho (presidente do Partido Social Trabalhista), Oswaldo Pacheco (pres. do Pacto de Unidade e Ação), Raphael Marinho (pres. da Fed. Nac. dos Trab. Ferroviários), Geraldo da Costa Matos (secretário da Fed. Nac. dos Trab. Ferroviários), Raimundo Castelo de Sousa (pela Federação Nacional dos Marítimos), Wilson Reis (pres. da Fed. Nac. dos Trab. Telegráficos), José de Almeida Barreto (pres. da Fed. Int. dos Trab. em estabelecimentos de Ensino), Pedro Torres (pres. do Sind. Nac. dos Tálferos), Nelson Pereira Mendonça (secret. do Sind. Nac. dos Comissários de Marinha Mercante), Paulo de Santana Machado (presidente do Sind. Nac. dos Aeronautas), Fernan-

do Alencar Santiago (do Sind. Nac. dos Aeronautas), Josias Nunes, Ivoa Alvim (líderes aeronáuticos), Ubiratan Canedo Lopes (pres. do Sind. Nac. dos Aeronautas), João da Silva Matos, Fernando Sales Ferreira, Cleto Gomes de Oliveira, Aózio Rodrigues Santana (líderes aeronáuticos), Irineu João Campos (pres. do Sind. Nac. dos Foguistas da Marinha Mercante), João Batista Borzardo (pres. do Sind. Nac. dos Contra-meístres da Marinha Mercante), Manoel O. de Melo (pres. do Sind. Nac. dos Enfermeiros da Marinha Mercante), Ademar L. Santana (líder marítimo), Luiz Lopes da Silva (do Sind. Nac. dos Radiotelegrafistas), Newton Eduardo de Oliveira (presidente da Federação Nacional dos Trab. nas Ind. Gráficas), Sebastião Luiz dos Santos (do Sind. Nac. dos Tálferos).



O PLENÁRIO

O salão do cine Paramount, na capital paulista, ficou repleto durante a Convenção Nacionalista e Democrática. Centenas de delegações de bairro participaram do convívio, algumas desfilando com faixas e cartazes (foto).

SÃO PAULO REALIZOU CONVENÇÃO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICA

SÃO PAULO (Da Sucursal) — Com a presença de grande público e numerosas personalidades, que representaram partidos, entidades populares, sindicais e estudantis, realizou-se dia 23 último, no Cine Paramount, em São Paulo, a I Convenção Nacionalista e Democrática, durante a qual foi aprovado um manifesto ao povo paulista, tendo também sido eleita a comissão executiva que aplicará em São Paulo as decisões contidas no referido documento, ao mesmo tempo em que coordenará os preparativos para a realização, nesta capital, do Congresso de Libertação Nacional, nos dias 21, 22 e 23 de agosto próximo.

São os seguintes os mem-

brós que compõem a comissão executiva: presidente, professor Florestan Fernandes; 1º vice-presidente, Maurício Pinheiro Vasconcelos; 2º vice-presidente, Floriano Francisco Dezen; 3º vice-presidente, Antônio Costa Correia; 4º vice-presidente, Paulo Guilherme Martins; secretário-geral, Vicente Oliveira e Silva; 1º secretário, Aníbal Fernandes; 2º secretário, Sérgio de Andrade (Arapá); 3º secretário, Oscar Vail; tesoureiro, José Brasil de Castro Alves.

Participaram do ato, além de outros representantes dos mais diversos setores sociais,

políticos e sindicais do Estado, os deputados Francisco Julião, Paulo de Tarso, Cid Franco, Salvador Losacco, Rocha Mendes e Germinal Feljó; o bispo dom Vitor de Tarso, da Igreja Católica Apostólica Brasileira, o líder comunista Ramiro Luchesi; Ivette Vargas e Frota Moreira, pelo PTB; Febus Gikovsky, pelo PSB; Valdemar Neves Guerra, pelo Forum Sindical de Santos; sras. Itala Schwartzman e Matilde de Carvalho, pela Federação das Mulheres do Estado de São Paulo e o líder camponês Jofre Correia Neto.

O NASCIMENTO DO PARTIDO OPERÁRIO POLONÊS

Quando a Polónia se encontrava sob o domínio das tropas estrangeiras, ao invadi-la Hitler em 1939, formaram-se no País, para lutar por sua libertação, diferentes organizações políticas. As de tendência comunista eram várias e lutavam separadamente: a Folca e o Martelo, Proletários, Milícia Vermelha, Amigos da União Soviética. Todas individualmente eram débeis. Lutavam no entanto por objetivos idênticos no fundo, mental. Não foi por isso difícil a sua unificação. Esta se processou no curso mesmo da luta clandestina contra o invasor estrangeiro. Assim, nos primeiros meses de 1942 formou-se o Partido Operário Polonês (POP), cujas unidades de combate constituíram a Guarda Popular.

Antes da guerra, o Partido Comunista da Polónia já era ilegal e milhares de seus

milítantes foram encarcerados pelos chefes nazistas. O fato de ser comunista representava um grande perigo, tornando seu trabalho patriótico terrivelmente penoso. Um erro grave havia sido praticado em relação ao PC polonês: devido a divergências internas, fora dissolvido pela Internacional Comunista (a qual era filiada) ainda em 1938.

Nada impediu que os comunistas se reagrupassem e encabeçassem a heróica resistência do povo polonês à opressão hitlerista. Cumprido por isso o Partido Operário Polonês um papel de extraordinária importância na resistência e nas lutas decisivas para a vitória sobre os fascistas. O POP existiu durante sete anos, até 1949, quando se fundiu com o Partido Socialista Polonês, criando-se o Partido Operário Polonês Unificado, que é atualmente o partido dirigente da Polónia socialista.

Teoria e Prática

Apostóla do Carvalho

(Reposita ao leitor Leo Z. S., do Estado da Guanabara)

A natureza tem uma história muito mais antiga e rica que a história humana. A história da Terra e sua evolução de anos o surgimento da vida em nosso planeta. Já o homem e sua história abrangem cerca de um milhão de anos, apenas. Estima-se que a sociedade humana primitiva consolidou suas bases entre 10 e 15 mil anos antes de nossa era. Então, o ciclo das sociedades de caçadores, baseadas na propriedade privada sobre os meios de produção e de troca, não vai além de 80 a 100 séculos e chega a seu termo em nossa época de transição ao socialismo.

A história da sociedade emerge, assim, da história da natureza, como parte integrante e etapa superior de seu processo de desenvolvimento. Nem uma nem outra se faz, entretanto, por acaso. Ambas obedecem a leis que surgem de condições materiais bem definidas e atuam independentemente dos homens e de sua vontade. São leis objetivas — e é esse o seu traço comum. As leis naturais e as leis sociais têm, também, entre si, diferenças profundas. A história da sociedade e a história da natureza distinguem-se — dizia Marx — pelo fato de que fazemos a primeira, mas não fazemos a segunda. Com efeito, as naturezas sucedem, regularmente, como se sucedem os dias e as noites, independentemente de nós. Já os regimes econômicos e políticos só se substituem sob a ação consciente dos homens, isto é, das massas trabalhadoras, que são o elemento fundamental da produção de todos os bens materiais e o fator decisivo de todas as revoluções. Mais ainda: a história da natureza processa-se, no essencial, sem resistências à ação das leis que a impulsionam; já na história das sociedades divididas em classes, a ação das leis econômicas encontra a resistência das forças sociais caídas, interessadas na conservação de seu regime e de seus privilégios. Alí está a classe dos latifundiários e os acentos do imperialismo norte-americano em ação permanente, através dos ataques de golpes da regressão ao movimento econômico e democrático, das violações da Consti-

Condições objetivas e condições subjetivas

tuição, das manobras e conchavos conciliatórios com a classe burguesa, na busca de impedir ou retardar as reformas de base e a continuidade de nosso progresso social.

Isso significa que os homens fazem a sua história — pois é por seu intermédio que atuam as leis do movimento social, mas a fazem, porém, quando e como querem, a seu capricho: estão limitados pelas condições sociais de sua época. Isto é, pelo nível da economia e da consciência social do meio em que atuam e pelo caráter e pelo tipo das contradições que o seu desenvolvimento econômico faz amadurecerem, em cada período, sob a ação da grande lei geral da correspondência obrigatória entre o caráter das forças produtivas e as relações de produção existentes.

A evolução da sociedade define-se, assim, pela unidade de dois fatores: um deles é o nível do desenvolvimento econômico, como as leis e contradições próprias de cada etapa. São as condições objetivas, a realidade histórica concreta com que cada geração se defronta, acumulada e desenvolvida antes dela e independentemente dela. O outro é o nível de consciência, de organização e de unidade das classes e camadas interessadas na transformação revolucionária da sociedade e que constituem a força social historicamente chamada a superar a resistência das classes reacionárias. São as condições subjetivas que, em nossa época e em nosso país, se exprimem pelo grau de consciência e de organização da classe operária, das massas trabalhadoras da cidade e do campo na mobilização da intelectualidade tradicionalmente revolucionária, pelo avanço na organização da própria operário-camponesa e na estruturação da ampla frente das forças de libertação nacional e de democracia, a caminho do socialismo.

É claro que um lugar todo especial cabe, aqui, à classe operária e a seu partido marxista-leninista, particularmente num momento em que as palavras de ordem comunistas se transformam, em boa parte, em palavras de ordem das massas trabalhadoras e da grande maioria da nação.

Polônia: 18 Anos de Poder Popular Criaram Poderoso Estado Industrial e Agrícola

Um simples dado estatístico sobre a nova Polónia — a Polónia socialista — indica as gigantescas transformações por que passou o país da Europa oriental nos 18 anos que se seguiram ao fim da segunda guerra: em 45 dias, a Polónia de hoje produz tanto quanto em 12 meses antes da guerra.

Como foi possível tão rápido progresso econômico, num país dos que mais sofreram as destruições da imensa catástrofe?

Que representa este avanço da economia polonesa para o povo polonês?

Que significado este progresso para marcar a presença da Polónia na Europa e no mundo?

Este mês, a 22 o povo polonês comemorou uma de suas datas magnas: o lançamento do chamado Manifesto de Julho, Naquele dia, em 1944, ainda não terminado o conflito desencadeado pelos imperialistas alemães e seus aliados, o Comitê Polonês de Libertação, divulgando aquele hoje famoso documento, descobriu para a Polónia, dessangrada ainda, os mais amplos horizontes de transformações econômicas, políticas e sociais. Previa-se a reforma agrária, acabando com o latifúndio e as relações semifeudais de produção, estabelecendo a industrialização em larga escala, uma série de reformas democráticas, a educação universitária aberta a todo o povo. Tudo isto na base do mais audacioso desenvolvimento da economia nacional.

A Polónia tinha de saída uma enorme vantagem para levar avante este grandioso plano: o governo popular que conquistara o Poder político, sob a hegemonia da classe operária, acabara fundamentalmente com as classes parasitárias e os grupos privilegiados. Os trabalhadores e o povo iam, a partir daquela data, empenhar todos os esforços para criar riquezas para si mesmos.

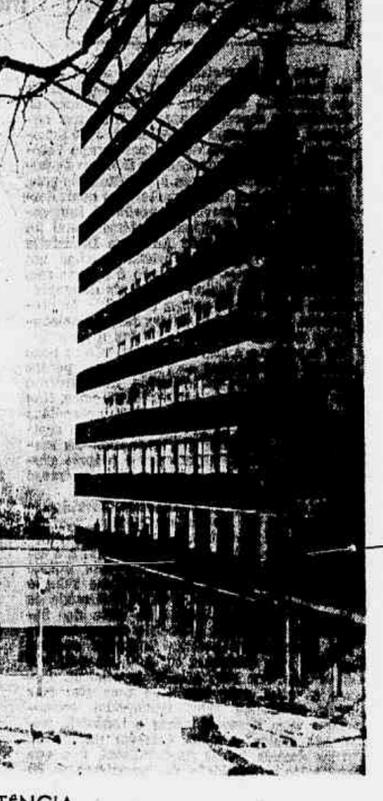
E as transformações se sucederam ininterruptas. O país agrícola clássico — no qual 82% da população estava ligada à agricultura — tornou-se rapidamente um país industrial-agrário. O incentivo à produção industrial fez com que nestes três lustros e pouco se multiplicasse por 8 a produção industrial da Polónia. E para ter-se uma idéia deste avanço estes simples dados são significativos: nas indústrias básicas, a produção de aço por habitante é de 123 quilos a de energia elétrica, 373 quilotes de força, enquanto antes da guerra aqueles índices não passavam, respectivamente, de 43 e 106. Em outros termos, triplicou a produção per capita de aço e mais que triplicou a produção de eletricidade.

Como não existem na Polónia classes exploradoras, este aumento enorme da riqueza nacional — que se efetivou em todos os domínios da economia — se traduziu

em aumento do bem-estar de todo o povo. Cresceu o salário real e, portanto, o aumento da capacidade aquisitiva dos trabalhadores, desapareceu o desemprego, implantou-se a educação gratuita desde a escola primária até a superior. Não existem mais analfabetos na Polónia, e seu número era bastante elevado ainda antes da guerra. O rádio e a televisão fazem parte hoje do conteúdo mínimo da família polonesa. Praticamente, cada família polonesa possui um receptor de rádio e há um aparelho de televisão para cada 8 famílias.

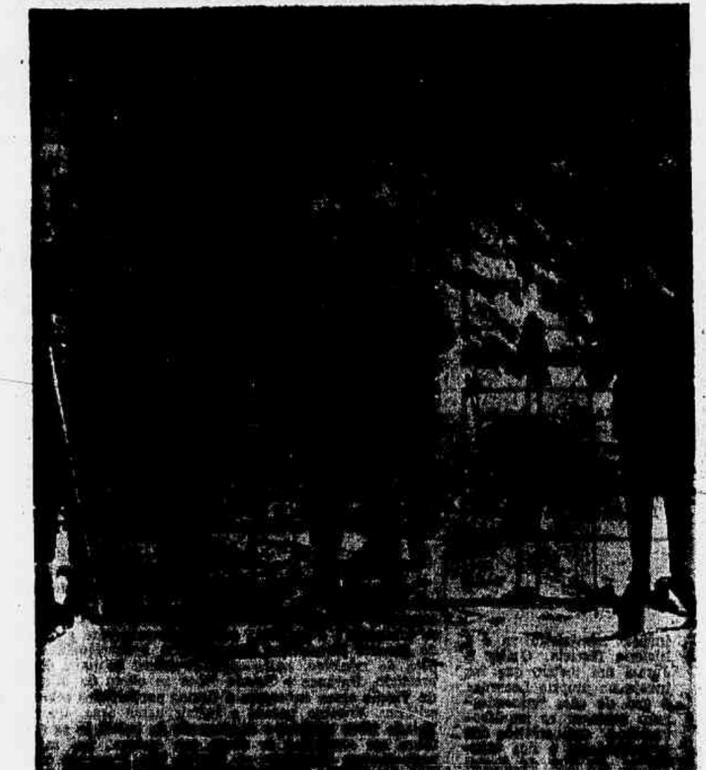
Estas transformações na ordem econômica e social se refletiram na organização democrática do Estado socialista e em toda a sua política, interna como externa. O cidadão polonês é hoje senhor de seu destino e de seu futuro. A Polónia, que fora vítima tantas vezes de invasões devastadoras, tem hoje vizinhos ami-

gos e poderosos, como a União Soviética e a República Democrática Alemã. Tem sido das mais importantes sua contribuição para a causa da paz mundial e do desarmamento. Tornou-se mundialmente famoso o Plano Rapacki pela oração na Europa central de uma zona isenta de armas atômicas. Ingentes esforços têm enviado os dirigentes poloneses pela preservação da paz no continente europeu, procurando por todos os meios impedir o ressurgimento do militarismo alemão, responsável pelo desencadear de suas guerras catastróficas neste século.



ASSISTENCIA

Em 18 anos de poder popular, o trabalhador polonês foi beneficiado por todas as formas de assistência. O governo dedica uma considerável parcela do orçamento estatal aos serviços sociais, além do que as organizações sindicais mantêm vastas instalações. As mesmas finalidades Na foto, um sanatório para trabalhadores.



FÉRIAS

Os trabalhadores de todos os setores de atividade da vida polonesa gozam de férias anuais financiadas na sua maior parte pelo Estado e pelos sindicatos. Casas de repouso e centros de férias foram construídos nas praias e nas montanhas. Na foto, um grupo de trabalhadores em férias esquiando nas montanhas polonesas.

Acaba de sair:

CONFERÊNCIAS DOS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

- Moscou 1957
- Roma 1959
- Bucareste 1960
- Moscou 1960

Preço: Cr\$ 40,00

Podidos pelo Reembolso Postal a:

ALIANÇA EDITORA LTDA.

Av. Rio Branco, 257 — sala 905

Rio de Janeiro — GB

No Festival da Juventude, Duzentos Brasileiros Saudarão a Paz e a Amizade

Levando em suas bagagens trajes de balana, camisas de malandro, pandeiros, lambrequins e violões, embarcaram, nos dias 18 e 21 últimos, com destino a Viena, os delegados brasileiros ao VIII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes pela Paz e a Amizade, que se instalará, a 29, na cidade de Helsinqui.

musica, nossas danças, nossos ritmos, e principalmente a expressão mais sincera de nosso amor à paz e de nosso desejo de fortalecer mais e mais nossas relações de amizade e cooperação com os povos de todos os continentes.

REPRESENTAÇÃO NACIONAL

A delegação juvenil brasileira ao VIII Festival Mundial da Juventude é o que se pode chamar de uma

delegação nacional. Compõe-se de 240 delegados, entre os quais 40 são bolsistas na Europa. Os bolsistas são oriundos de 11 Estados da Federação: Ceará, Paraíba (João Pessoa e Campina Grande), Bahia, Goiás (Anápolis e Goiânia), Minas Gerais, Guanabara, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Estado do Rio e Brasília. A maior parte da delegação é da Guanabara, que participa com 60 delegados, seguida da de São Paulo, com 54. E de se salientar o esforço desenvolvido pelos Estados do Ceará, Goiás e pelo Distrito Federal que enviam 15, 13 e 18 delegados, respectivamente. Entre os componentes da caravana estão 15 artistas, 5 estudantes secundaristas, 20 funcionários públicos, 50 universitários, 15 professores, 14 operários e 65 mulheres.

cada povo. O Brasil fará-se a representar em todas essas iniciativas. O Centro Popular de Cultura estará presente transmitindo o muito que tem feito em todos os setores. Apresentará no Encontro de Jovens Amadores de Teatro uma tese sobre teatro popular escrita por Carlos Estevam e uma outra no Encontro de Jovens Cineastas elaborada por Carlos Diégues. Arquitetos brasileiros farão uma conferência sobre arquitetura colonial e contemporânea no Brasil, ilustrada com 200 diapositivos. Para o seminário dedicado aos problemas dos estudantes universitários, a UNE preparou um trabalho sobre reforma universitária e democratização do ensino. Por sua vez, a UBES será a informante do Encontro de Jovens Secundaristas de todo o mundo à base do tema: As Organizações Secundaristas e seu Papel na Sociedade Contemporânea.

ORGANIZAÇÕES PRESENTES

Uma das características do grupo brasileiro é sua grande representatividade. A quase totalidade de seus componentes está organizada por importantes organizações estudantis, operárias, culturais, camponesas e políticas. Estão presentes a grande festa mundial da juventude: UNE, UBES, entidades estaduais e diretórios acadêmicos de quase todos os Estados brasileiros, os Sindicatos dos Metalúrgicos da Guanabara e de São Paulo, Sindicato dos Têxteis de São Paulo, União Nacional dos Servidores Públicos, Associação Nacional dos Servidores da Novação, União dos Lavadores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, União dos Lavadores e Trabalhadores Agrícolas de Minas Gerais, Juventude Socialista, Mocidade Trabalhista, Centro Popular de Cultura e Jovens Comunistas.

ENCONTROS CULTURAIS

Durante 10 dias, Helsinqui será a capital da juventude de todo o mundo. Nos teatros, salões, praças públicas e de esporte 20.000 moços e moças apresentaram e que de melhor existiram tradições culturais, artísticas e desportivas de

atuando na televisão da RDA), Lima Duarte (ator), Artur Andrade Filho (violinista), Itamar Aldolph (componente do CPC) e Canelinha e seu Conjunto Imperial (grupo de Bateria do Império Serrano).

PRÉSENTES

A delegação brasileira é portadora de presentes, que chegarão de todos os pontos do País, para serem distribuídos como lembranças dos jovens brasileiros aos jovens de todo o mundo presentes na capital da Finlândia. Acondicionados em grandes caixas de papelão, seguem com os delegados: discos, postais, arcas e flechas de Mato Grosso, jangadinhos do Ceará, boncos de barro de Salvador, cachapa de Pernambuco, revistas de diferentes organizações sindicais e desportivas, faixas, flâmulas e distintivos. Esses objetos serão inicialmente exibidos numa grande exposição internacional relacionada com os usos e costumes de cada povo, e posteriormente serão oferecidos às delegações estrangeiras participantes do Festival.

CINEMA E CONCURSOS

Entre as inúmeras atrações do VIII Festival Mundial da Juventude estarão o Festival de Cinema e os Concursos de Danças. O Brasil participará do primeiro com dois filmes: o documentário *Aruanda de Indaúre Noronha*, sobre o trabalho artesanal das mulheres parabaianas na confecção de belos vasos de barro e *Cinco Vozes Fedelitas*, que narra 5 diferentes episódios sobre os mortos caídos dirigidos por Carlos Diégues, Marcos Farias, Miguel Borges, Leon Hirzmann e Joaquim Pedro. Dos Concursos de Dança participaremos com a bailarina Tatiana Helena Anzaldi, do Teatro Municipal de São Paulo.

ESPECTÁCULOS ARTÍSTICOS

Para apresentação em noite de gala e participação em outros espetáculos, a Comissão Brasileira Patrocinadora do VIII Festival Mundial da Juventude no Brasil preparou um grande show do qual farão parte os seguintes artistas componentes da delegação: Ricardo Bandeira (mímico), Jorge Goulart e Nora Nel (cantoras de rádio), Trio Abate, da Bahia (atualmente

Canto de Página Erros e acertos

Mais uma vez, este grande e querido povo carioca deu-nos uma lição e uma alegria quando ora realizamos o III Festival do Escritor Brasileiro no Museu de Arte Moderna. A lição é aquela que ele nos vem dando desde o primeiro festival: o povo não espera que apareçam presidentes da República ou governador do Estado para inaugurar o festival. Não adianta cordas, nem guardas, nem nada. As 20 horas, ele entra, e os que podem comprar, compram; todos andam, todos olham livros, todos param diante de determinadas vedetes ou de escritores de sua predileção. Essa lição, para mim, e sempre motivo de grande alegria. Podem os protocolos mandar que sejam necessárias presenças de presidentes ou governadores, podem certos escritores acreditar na obrigatoriedade desses senhores para iniciar o festival, mas aqueles que comparecem — e pertencem a todas as camadas sociais — não têm nenhuma vontade de esperar por quem quer que seja; o festival é sempre, até hoje, inaugurado pelo povo.

Dois fatos devem ser ressaltados na promoção dessa festa. Primeiro é que, nela reunindo escritores de todas as tendências, grandes nomes ao lado de principiantes, ou mesmo de desconhecidos, ele tem, como finalidade maior, levar ao público o livro, apresentar-lhe indistintamente aqueles que se dedicam aos trabalhos literários. O que ali fazemos é justamente o que se faz em França anualmente; apenas em Paris, só os grandes escritores têm direito ao festival, enquanto que, aqui, ele é aberto a todos. O segundo fato é a colocação dos escritores por ordem alfabética, não havendo portanto os melhores ou piores colocados. Não tem a direção do festival culpa de haver escritores cujo nome começa por A nem os que começam por Z.

Saudemos agora um livrinho que apareceu neste festival, um folheto tipo literatura de cordel do Nordeste, assinado por um grande poeta: Ferreira Gullar. Chamase João Boa-Morte, Cabra Marcado para Morrer. Foi o livro mais vendido do festival onde era também o mais barato: — cinquenta cruzeiros. O Centro Popular de Cultura é uma organização do UNE e — disseram-me — Jovens mas grandes e bons poetas, já com seus nomes feitos na vida literária, estão dispostos a dar-nos esses folhetos que ora se iniciam com o trabalho de Ferreira Gullar e termina assim: "Já vão todos compreendendo, como compreendeu João, que o camponês vencerá/pele força da união /Que é entrando para as Ligas/que ele derrota o patrão/que o caminho da vitória/está na Revolução.

São os poetas da cidade colaborando com os lutadores do sertão contra os latifundiários, o que demonstra que os sentimentos dos homens de bem raciocinantes, são um só, no problema de reforma agrária.

Muitos erros teve o III Festival de escritores; não queiram, é através deles que se faz, também e muito, a democratização da cultura.

«A Literatura no Cinema»

Acaba de ser editado pela Roberto Bongewi o livro de Roberto Bongewi A Literatura no Cinema. A obra procura fazer um levantamento geral das adaptações cinematográficas de obras literárias, partindo desde as primeiras iniciativas até as mais recentes películas incluídas na classificação.

O autor, que é o mesmo do livro, antes publicado, intitulando O Cinema Americano e a Nova Geração de Cineastas, acrescentou ao final do seu novo livro uma relação dos principais filmes baseados em obras literárias, acompanhados das respectivas fichas técnicas.

Agora, em 2ª edição atualizada:

«O MUNDO VERMELHO» de NESTOR DE HOLANDA

O mais completo livro de reportagens sobre a URSS

Em todas as livrarias ou, pelo reembolso postal, 500 cruzeiros. Pedidos para «Irmãos Bongewi Editores» Rua Sacadura Cabral, 240 — Rio de Janeiro

Revistas Soviéticas

Mensalmente Via aérea Diretamente Ao seu endereço

Você receberá notícias atualizadas da vida do povo soviético e das suas realizações no domínio da economia, da política, da ciência, da técnica, da cultura, da arte e do esporte.

Peça hoje mesmo a sua assinatura

Union Sovietica	Cr\$ 600,00
Films Soviéticos	Cr\$ 500,00
Literatura Soviética	Cr\$ 500,00
Tiempos Nuevos (semanário)	Cr\$ 500,00
Novedades de Moscú (semanário)	Cr\$ 450,00
La Mujer Sovietica	Cr\$ 350,00
Cultura y Vida	Cr\$ 350,00
International Affairs	Cr\$ 350,00

Escreva-nos enviando o valor correspondente ao seu pedido em cheque ou vale postal.

Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada
Rua Juan Pablo Duarte 50 - sobrado
Caixa Postal 165 - Telefone 22-1613

São Paulo: Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua 15 de Novembro 228 - Sala 209



FESTIVAL DO ESCRITOR

Em ambiente de confraternização e de interesse por parte de um público que afilou em grande número ao Museu de Arte Moderna, na noite do último dia 23, realizou-se o III Festival do Escritor Nacional, com participação de inúmeros escritores, artistas, desportistas e inúmeras outras figuras de projeção.

Mais de três mil pessoas prestigiaram a iniciativa dos escritores, tendo adquirido grande número de livros nas barracas representativas dos diversos Estados do País, distribuídas por ordem alfabética, por unidade da Federação e por nome do escritor.

O folheto de Ferreira Gullar, em versos, intitulado «João Boa-Morte, Cabra Marcado para Morrer», foi um dos grandes sucessos do festival tendo sua edição se esgotado. Trata-se de um lançamento do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, onde o conhecido poeta e crítico de arte conta, à maneira dos poetas e cantadores populares do Nordeste, a triste sina de João Boa-Morte.

De acordo com a tradição já firmada, cada escritor apresentou-se no Festival acompanhado de um ou mais padrinhos, os quais aumentavam a curiosidade do público.

bilco, uma vez que lhe dava ensejo de travar conhecimento ao mesmo tempo com nomes de projeção, como os de Vinícius de Moraes, seu parceiro Antônio Carlos Jobim e o cantor João Gilberto.

Dias Gomes, parágrafo, autor de «O Paguro de Promessas», autografou livros, contando com a presença de Leonardo Villar que viveu no cinema o personagem principal de sua peça.

Enelda, na barraca do Estado do Pará, teve a simpática presença da atriz Almée, como sua madrinha. Na barraca do Rio Grande do Norte, Milton Pedro, sa autografava seus livros. Representando o mesmo Estado, achavam-se no Festival os escritores Peregrino Júnior, Homero Homem, Umberto Peregrino, Renard Pérez, Rômulo Vanderlei, Newton Navarro e outros.

O Estado da Guanabara contou com a representação de Vinícius de Moraes, Malba Tahan, Jorney Camargo, Moacir Félix, Lúcio Rangel, Beatriz Bandeira e outros.

De São Paulo vieram Casiano Ricardo, José Geraldo Vieira, Sérgio Millel, Leonardo Arroio, Guilherme Flgueiredo, Domingos Carvalho da Silva, Maria de Lourdes Teixeira e Lígia Fagundes Teles.



UNIDADE DOS FAVELADOS CONTRA VIOLÊNCIAS DA POLÍCIA DE MAGALHÃES

BELO HORIZONTE, (Da Sucursal) — A Cabana de Pai Tomás não é das maiores favelas de Belo Horizonte, uma vez que ali residem apenas cento e cinquenta famílias de operários. Situa-se nas proximidades da Cidade Industrial e a maior parte de seus moradores trabalham nas indústrias ali sediadas. Pesquisas feitas acusaram uma percentagem de 95% de operários, contribuintes do IAPI.

O espírito de organização que vem predominando nas favelas de Belo Horizonte ficou comprovado em incidente ocorrido nos últimos dias de maio, quando a favela foi invadida por forças militares.

A DENÚNCIA

Dias antes do incidente, a Federação dos Trabalhadores Favelados recebeu uma denúncia de que o governo estava transferindo a 5ª Batalhão da Polícia Militar de sua sede, no bairro de Santa Teresa, para a Cabana de Pai Tomás, cujos terrenos o governo diz ser de sua propriedade.

Essa comunicação foi levada à União de Defesa Coletiva da favela a fim de que se colocasse o povo a par da ameaça. Aguardaram os favelados os acontecimentos, comprovando-se assim a veracidade da denúncia quando, em 29/5 a favela foi tomada de assalto por cem soldados da cavalaria, rádiopatrolhas e carros fortes que se revezavam na sua tarefa de atemorizar o povo. Estes militares, numa tentativa de provocar a reação popular, dirigiam grosseiras palavras e propostas indecorosas as filhas e esposas dos favelados, que, compreendendo o propósito da espiagem, preferiram recolher os seus familiares, enquanto as forças de intervenção ali permaneciam.

A intervenção atingiu os moradores de maneira violenta. Até os carros de mão, nos quais são conduzidos os recipientes de água da única bica ali existente nos barracos (por ser a distância muito grande) foram tomados pelos militares. Não se permitiram o trânsito o livre trânsito na vila, não permitindo o acesso dos moradores e, inclusive, aprisionando aqueles que para lá se dirigiam levando viveres para suas famílias.

ATITUDE CERTA DOS FAVELADOS

Enquanto aqueles fatos se desenrolavam, num clima de justa revolta popular, contra a agressiva e arbitrária atitude do governo, sem que nenhum motivo houvesse que justificasse a intervenção, os líderes da favela, que escaparam das forças militares, procuraram a Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, solicitando suas providências.

IMEDIATAMENTE O DR. FABRICIO SOARES, ADVOGADO DA FEDERAÇÃO, SE DIRIGIU PARA A CABANA DE PAI TOMÁS. A SUA PRESENÇA FOI MAL RECEBIDA PELOS MILITARES. FOI AMEAÇADA COM A INTEGRIDADE FÍSICA MAS FIZ SE IMPOR pela sua autoridade, uma vez que representava legalmente os moradores daquele

CAMPOS PAROU OBEDECENDO COMANDO SINDICAL

Campos, E. do Rio (Do correspondente) — Mais de 10.000 trabalhadores campistas, obedecendo ordens emanadas do Conselho Sindical dos Trabalhadores de Campos, paralisaram totalmente suas atividades no decorrer do dia 5 de Julho, demonstrando coragem, patriotismo e uma força jamais sentida na vida política da terra Goitacá.

Como sempre, os bravos ferroviários da Leopoldina, comandados pelo líder sindical Jacyr Barreto, e os servidores municipais, liderados pelos comandantes João Bento, Péricles Ramos e Hélio de Oliveira, foram os primeiros a cumprirem as ordens do Comando da Greve, seguidos pelos motoristas, carris, construção civil, bancários, metalúrgicos, gráficos, têxteis, comerciais, alfaiates, padeiros, numa impressionante demonstração de maturidade política e organização sindical.

Milhares de trabalhadores se concentraram na sede da Delegacia Sindical dos Ferroviários da Leopoldina, rumando em seguida para a

la favela. Interpelando o comandante da operação a respeito dos motivos da intervenção, obteve a seguinte resposta.

— Temos que impedir a construção de barracos nestes terrenos e há outros motivos que estamos impedidos de revelar.

Vendo que seria impossível tratar diretamente com as forças de ocupação, dirigiram-se os favelados aos responsáveis, isto é, ao governo do Estado. Foram recebidos pelos chefes da Casa Civil e Militar. Tendo à frente o sr. José Portillo da Silva, presidente da UDC da Favela Cabana de Pai Tomás, os favelados expuseram os fatos e solicitaram energicamente providências do governo que aparecia como o mandante da intervenção. Depois de muita discussão e reticência, decidiu o chefe da Casa Militar o coronel Lauro Pires:

— Vamos aliviar a pressão militar para evitar a agitação social.

No dia seguinte, em solidariedade, partiram para a favela Cabana de Pai Tomás, líderes de diversas favelas de Belo Horizonte. Ali chegando, constataram que as forças militares haviam sido retiradas do local, sendo então permitido o livre trânsito, o que não vinha ocorrendo durante a ocupação militar.

Organizou-se, então, um grande comício, em praça pública, comemorando a vitória, ocasião em que falaram diversos líderes favelados.

GOLPE DA DIREITA

A maré dos acontecimentos, um fato digno de nota ocorreu. Vem demonstrar que no afã de apresentar-se forte, o governo usa de todos os meios, mesmo aqueles considerados baixos e desonestos.

Por ocasião da visita do embaixador americano, Mister Gordon, que o povo apelidou acertadamente de embaixador "Leite-em-pó", caminhões da polícia militar encostaram na favela Cabana de Pai Tomás, os militares desceram e convidaram o povo para tratar, diretamente com o governador, de assuntos de interesse dos favelados.

Apanhados em sua inocência, inúmeros moradores daquela favela foram conduzidos para o local onde se encontrava o embaixador "Leite-em-pó", sendo coagidos a ouvir em suas patacoadas. Foram apresentados a ele como os líderes favelados da Capital.

Isso ocorreu em virtude da recusa de todos os líderes favelados, sindicais e estudantis em comparecer à reunião programada por Mister Gordon. Daí a atitude desonesta do governador de Minas, coagindo o povo a comparecer, contra a sua vontade e contra a vontade de todos os seus líderes a uma manifestação falsa ao embaixador.

Houve, naturalmente, uma revolta dos moradores contra o seu líder José Portillo, uma vez que a ele foi atribuída a manobra. Mas os fatos ficaram esclarecidos e ficou constatada a desonestidade do governo quando se trata de coagir o povo e atingir seus propósitos desqualificados.

A Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio de Janeiro vem manifestar de público sua completa identificação com as reivindicações levantadas no Manifesto que acaba de ser lançado por organizações nacionais de camponeses e trabalhadores do campo, tais como: União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil, o Conselho Nacional das Ligas Camponesas, dirigido pelo deputado Francisco Julião, a Campanha Nacional pela Reforma Agrária e outras.

Os camponeses fluminenses reafirmam sua firme disposição de continuar, de forma cada vez mais ampla e vigorosa, a luta justa que vêm desenvolvendo pelas reivindicações da população trabalhadora do campo — e, fundamentalmente, pela conquista de uma reforma agrária radical, definida em seus vários aspectos no I Congresso Nacional dos Trabalhadores do Campo, realizado em Belo Horizonte, em novembro de 1961.

Ao mesmo tempo, reiteram sua plena convicção de que esta e todas as demais reivindicações essenciais formuladas naquele Congresso só poderão ser conquistadas e postas em prática por um governo nacionalista e democrático, isto é, por um governo identificado com as liberdades públicas e com as profundas reformas que os interesses de nosso povo e o interesse nacional reclamam. Nesse sentido, proclamam



EM DEFESA DA «ORDEM»

O governo "austero" do banqueiro Magalhães Pinto está resolvendo o problema das favelas de Belo Horizonte. Não é difícil — diz ele. "É só mandar a polícia expulsar os favelados e destruir seus barracos". E assim vem procedendo o governador udenista, para quem governar é uma questão

policial. A mais recente investida de policiais armados (foto) sobre os casebres e habitantes das favelas foi a efetivada contra a Cabana do Pai Tomás. E MP promete que não será a última.

Operários Brasileiros Dão Suor e Vida Construindo Fonte de Lucros Para Trustes Japonêses: Usiminas

Belo Horizonte, (Da sucursal) — No município mineiro de Coronel Fabriciano quinze mil operários trabalham dia e noite na construção do grande siderúrgico da USIMINAS, empresa de capital misto da qual os grandes beneficiários serão grupos econômicos japoneses. Sessenta e duas firmas empreiteiras exploram a um só tempo os serviços de montagem do grande combinado industrial e os trabalhadores que o estão erguendo. Os direitos dos operários, conquistados em duras lutas e inscritos na legislação trabalhista, não passam de letra morta para os diretores das companhias que constroem a USIMINAS.

NADA COM A CLT

A constante nas relações entre empregadores e empregados na construção da empresa é o desrespeito, por parte dos primeiros, à Consolidação das Leis do Trabalho. Assim, os trabalhadores não recebem em dobro, como o estabelece a

CLT, os domingos e feriados. O salário noturno equivale às horas extras de trabalho e é paga uma quantia correspondente a vinte por cento. A prática do aviso prévio não é observada: as companhias despedem e o trabalhador não tem direito a indenização. Com a manobra, pagam apenas setenta por cento da indenização devida.

ROUBO

Diversas das firmas empreiteiras simplesmente roubam parte do salário de seus operários. E o caso, por exemplo, da companhia B. Cavalcante, que paga artificialmente o salário de seus empregados, obrigando-os a solicitar, após o pagamento, o valor que são descontados depois com os trabalhadores pagando os quarenta por cento a mais da quantia que foram obrigados a tomar por empréstimo. Outra irregularidade revoltante, esta praticada por

todas as empresas, é a contratação de operários "fictos" sobre os casebres e habitantes das favelas foi a efetivada contra a Cabana do Pai Tomás. E MP promete que não será a última.

«CAI DURO»

As condições de vida e de trabalho dos trabalhadores na construção da USIMINAS são as piores possíveis. Dormem em alojamentos sem as mínimas condições de higiene, localizados em Mangará, Candangolândia e outras povoações das cercanias dos conjuntos industriais. São transportados para o local da labuta como gado, em caminhões e vagulões, que levam de uma só vez entre oitenta e cem pessoas, quando têm capacidade para transportar no máximo cinquenta. As refeições — se é que assim podem ser chamadas — são feitas em restaurantes existentes nas diversas empresas. O sistema utilizado é o de bandejas, cada uma cobrada à razão de sessenta cruzeiros. A comida é de péssima qualidade. Os trabalhadores já denominaram os restaurantes, indistinta e muito expressivamente, de "cai duro". O tempo de que dispõem para comer é mínimo, o que os obriga a ingerir os alimentos às pressas, pois ainda têm de, antes, enfrentar as enormes filas ocasionadas pela incapacidade das cozinhas em dar vazão à procura de comida.

INSEGURANÇA

Para ganhá-la os trabalhadores arriscam a vida a cada minuto. A total condição de insegurança no trabalho é demonstrada eloquentemente por números assim: em junho houve cinco graves acidentes de trabalho; três dos casos foram fatais.

LUTA

Começam agora os trabalhadores a organizar-se para exigir respeito a seus direitos. Em Ipatinga foi criada a Associação dos

TRABALHADORES GAÚCHOS TRANSFORMAM SEU CONGRESSO EM COMANDO DE GREVE

PELOTAS, Rio Grande do Sul (do correspondente) — Realizou-se nesta cidade, de 7 a 9 do corrente, o VI Congresso dos Trabalhadores Gaúchos. Mais de trezentos delegados participaram do conclave, além de grande número de observadores. A primeira decisão tomada na reunião — e por unanimidade — foi transformar o congresso em Comando de Greve, para dirigir a participação dos operários gaúchos na luta por um governo nacionalista e democrático, capaz de pôr em execução imediata as reformas de base exigidas pelo país. Três comissões (Libertação Nacional e Liberdades Democráticas, Custo de Vida e Legislação do Trabalho e Reforma Agrária) examinaram teses e moções sobre os itens do programa. Os trabalhos foram dirigidos por uma comissão executiva, eleita pelos congressistas e constituída pelos seguintes líderes sindicais: Francisco Lages dos Santos, José César de Mesquita, Edgar José Curvelo, Francisco Silveira Vilela e Roque Cruz Vargas. A instalação solene teve lugar na Casa do Trabalhador e contou com a presença das mais destacadas personalidades de Pelotas. No dia 9 o congresso funcionou no auditório da Rádio Cultural, onde se processaram os debates das teses e foram adotadas as resoluções. O encontro dos trabalhadores gaúchos elegeu o novo Conselho Sindical Estadual. Ao encerramento do conclave compareceram o prefeito municipal, o presidente da Câmara, diversos vereadores, autoridades militares, líderes camponeses e estudantes.

CARTA DE AÇÃO

A "Carta de Ação Imediata" tem o seguinte teor: 1 — Exigimos a constituição de um Gabinete democrático e nacionalista, capaz de encaminhar a execução das reformas reclamadas pelo povo brasileiro. 2 — Aprovação imediata, pelo Congresso Nacional, da lei que regula a remessa de lucros e que regula o Direito de Greve. 3 — Entrega imediata das terras já desapropriadas, em nosso Estado aos camponeses sem terra (Fazenda Sarandí, Banhado do Colégio, Pelotas, etc.)

4 — Luta contra a carestia, pelo congelamento dos preços da carne, arroz, feijão e banana. Medidas concretas contra os especuladores, com a apreensão dos estoques em seu poder. 5 — Reajustamento imediato de todas as aposentadorias e pensões, de acordo com a Lei Orgânica da Previdência Social. Melhorias imediatas de todos os serviços médicos-hospitalares a todos os filiados aos IAPs. 6 — Encampação imediata da Light and Power de Pelotas, e imediato funcionamento da Eletrobrás e Petroquímica.

MINAS: TÊXTEIS GANHAM AUMENTO SALARIAL DE 35%

BELO HORIZONTE, Minas Gerais (Da sucursal) — Os 50 mil tecelões do Estado, que vinham reivindicando firmemente um aumento salarial de 60% há mais de três meses, depois de quatro horas de reuniões sucessivas entre seus representantes e os patrões, firmaram um acordo de aumento de 35%, que entrou em vigor a partir do dia primeiro. A classe, que estava decidida inclusive a declarar uma greve caso não fosse solucionada a questão, aceitou a mediação do Delegado Regional do Trabalho, Sr. Onésimo Viana de Souza, que conseguiu resolver o impasse criando entre tecelões e empregadores.

GOVERNO NACIONALISTA E DEMOCRÁTICO

A parte mais importante da resolução final do VI Congresso dos Trabalhadores Gaúchos é a que define o tipo de governo que os trabalhadores reclamam, assim: "Neste momento, o centro da luta dos trabalhadores brasileiros se volta para a constituição de um gabinete democrático e nacionalista, capaz de iniciar as reformas reclamadas. Deve ser um Conselho de ministros comprometido a realizar uma política exterior independentemente, ampliando o que atualmente é executada. Que inicie a reforma agrária, que regule e limite a remessa de lucros para fora do país por parte das empresas estrangeiras. Que nacionalize as empresas estrangeiras que operam em setores fundamentais de nossa economia;

IGUALDADE

O acordo, firmado entre os sindicatos dos empregados e empregadores, é extensivo a todos os tecelões do Estado, sem distinção de zona de salário mínimo, o que veio uniformizar o salário da classe. Está vigorando desde o dia primeiro, não havendo máximo nem mínimo, incidindo o aumento sobre os salários que os trabalhadores da indústria têxtil de Minas Gerais recebem atualmente. O acordo já foi homologado pela Delegacia Regional do Trabalho, constituindo-se em mais outra vitória alcançada pela Federação dos Tecelões, dirigida por Sinval Bambirra, e Sindicato dos Empregados na Indústria Têxtil, presidida por Antônio Pereira.

VITÓRIA

Os patrões, que a princípio apresentaram uma contra-proposta de aumento de apenas 33%, acabaram concordando com as ponderações do presidente do Sindicato dos Cabineiros e Empregados em Edifícios, Sr. Elói Pinto. Falando à reportagem, afirmou o sr. Elói Pinto que "o aumento conseguido foi uma vitória da classe, que mais uma vez se projetou perante suas congêneres e fez sentir aos patrões que realmente ela é poderosa, apesar de abranger apenas cerca de 2 mil elementos, dos quais somente a metade é sindicalizada."



O IRMÃO CAMPONES

Os camponeses participaram do VI Congresso dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul, Jesus Severo Viana (foto, falando na sessão de encerramento), presidente da Associação dos Agricultores Sem Terra da Sanga Funda, foi das presenças mais ativas no grande encontro dos operários dos campos.

BRASILEIROS FALAM DO CONGRESSO

Di Cavalcanti

No magnífico Congresso pela Paz e o Desarmamento, que reuniu em Moscou homens de todas as classes sociais do mundo inteiro, o artista e o escritor marcaram presença de um novo humanismo — sentimos possuir na grandiosidade do novo Palácio do Kremlin uma missão altamente significativa — somos nós aqueles que devem transmitir às grandes massas humanas, pelo engenho da arte, a mensagem da paz e do desarmamento. Somos nós que devemos encontrar, dia a dia, um novo conceito, uma palavra nova para melhor explicar a magna doutrina da fraternidade universal. As palavras magníficas de Kruschiov calaram densamente, profundamente, em nosso espírito. Sabemos que com perseverança e humildade devemos repetir aos nossos semelhantes a mensagem de PAZ, e com audácia repelir todo argumento pernicioso que nos leva a considerar a inevitabilidade da guerra. O Congresso de Moscou abriu um novo ciclo em nossa civilização: ciclo maior onde o homem é de sua Pátria e de seu povo e sua Pátria e seu povo é também o mundo todo e toda a humanidade.

E. di Cavalcanti
Moscou, 12-7-62.

Lígia de Freitas Valle Jordan

"Durante as sessões do Congresso Mundial pelo Desarmamento e pela Paz, realizadas no majestoso conjunto arquitetônico anexo ao Kremlin, via-se a esperança de fraternidade estampada em cada um, desejo de aproximação e conhecimentos mútuos. Mais de cem nações representadas falavam através de seus delegados, como paladinos da boa vontade e defensores da paz. Empolgada e emocionada com a grandeza deste espetáculo humano, declaro ter sido esta para mim a maravilhosa experiência humana, em que os valores verdadeiros da vida se afirmavam contra a má fé, os interesses exclusivos, as forças do mal que algumas vezes tentam invadir o nosso mundo. Que os resultados deste Congresso sejam positivos e duradouros e que cada um, individualmente, lute pelo bem geral, são os meus votos e o meu propósito."

Lígia de Freitas Valle Jordan

Geraldo Paulo de Souza

"O que impressiona em primeiro lugar no Congresso é a ampla liberdade com que o problema da Paz vem sendo discutido. Se alguma intervenção não separa o problema da paz do problema político, inversamente foram inúmeros os que defendem o ponto-de-vista de que a paz é uma finalidade em si. É preciso em congressos desta natureza restabelecer a compreensão entre os povos. Sem desarmamento espiritual não pode haver desarmamento material. Esta é a meu ver a finalidade de um congresso como este.

Não sou de modo algum um "inocente útil". Mas estou convencido de que o problema da paz é um problema do qual depende a solução dos problemas políticos. É isto que o povo brasileiro precisa compreender.

(Diretor da Faculdade de Engenharia de São Paulo).

Décio de Arruda Campos

O Congresso comprova o que é sabido: todos os povos querem a paz. Governos existem que não querem a paz. São os governos que não representam o povo, mas sim os grupos que têm interesse na guerra fria, com risco de se tornar quente.

A paz é um dever de toda a humanidade. O Congresso é uma terrível condenação dos maus governos.

Décio de Arruda Campos
(Juiz de Direito em São Paulo).

Alberto Brandão Muiyaert

Produziu-me extraordinária impressão o Congresso Mundial pela Paz e o Desarmamento.

Estiveram representadas no mesmo as tendências, raças, ideologias e credos, apoiados no denominador comum de uma aspiração universal: a paz.

Quem, como eu, teve o privilégio de participar desse inolvidável espetáculo de confraternização e solidariedade de espécie humana sente-se feliz de haver colaborado, ainda que com uma parcela insignificante, para a consecução desse nobre destino.

Espero ardentemente que as sugestões oferecidas pelos delegados dos vários países, meditados e cristalizadas, possam encaminhar, de forma efetiva e definitiva, a solução desse angustiante problema e evitar, assim, a ameaça de destruição que paira sobre todo o gênero humano.

Alberto Brandão Muiyaert
Procurador da República.

Helena Silveira

Este Congresso pelo Desarmamento e pela Paz começou para mim em Dakar, quando me encontrei com um companheiro de Lumumba. Ao saber que, o ano passado, eu havia entrevistado no Cairo os filhos deste, chorou, abraçando-me. Depois, dentro do avião tcheco, entre Rabat e Marselha, foi a emoção de encontrar Mário de Andrade, o bravo líder angolense, que convidei em nome da União Brasileira de Escritores de São Paulo para uma série de conferências na nossa "cidade que mais cresce."

Enfim, no bôjo do avião tcheco estávamos um punhado de latino-americanos e de representantes de jovens repúblicas africanas. E todos falávamos de paz, dos orçamentos desviados para gastos militares em países subdesenvolvidos que perdem, em muitas de suas regiões mais pobres, 60 por cento de sua população infantil — fuzilaria criminosa sem tribunal de julgamento... E Mário de Andrade teve um comentário bonito: "A bomba da paz está cansada de ser pombada da paz. Ela queria ser apenas pomba..."

Depois foi a sucessão de emoções do Congresso, com a palavra a um tempo realista e lírica do cosmonauta Titov a falar como um poeta, com Iliá Erenburg na Casa do Escritor imantando com a magia do seu verbo. Com Sartre no plenário pedindo o "descongelamento da cultura" para que ela pudesse cumprir seu caminho, sem desvios através da mente dos homens.

Mas nestes dias moscovitas o que mais me encantou foi o povo de Moscou: Povo desfilando para visitar o túmulo de Lênin, povo em frente ao Palácio do Congresso a pedir aos congressistas que trabalhassem pela paz. Já mais esquecerei a figura de uma velha que me beijou chorando. Suas palavras não precisavam ser traduzidas. Mulheres, quando mães, compreendem-se pelo coração, falam um subterrâneo dialeto afetivo. A senhora moscovita de cabelos brancos, por certo virá partir para a guerra, sem retorno, um belo jovem futuro. E queria que lhe poupassem os filhos de seus filhos, que a bomba atômica deixasse de ser nos céus da terra uma monstruosa flor esombreada...

Há muita coisa a dizer destes encontros de Moscou. Teremos outros encontros também com os leitores de NOVOS RUMOS.

Helena Silveira, presidente da UBE, seção de São Paulo, 14-7-62, Moscou.

Mensagem Aos Povos do Mundo



Encontramo-nos em Moscou, vindos de todos os rincões do mundo. Pertencemos a todas as profissões e nossas opiniões são muito diferentes. Durante uma semana debatemos com a maior franqueza as questões suscitadas pelo perigo da guerra nuclear que ameaça a humanidade. Logo nos encontramos a conhecer-nos melhor, e estamos convencidos de que é indispensável e possível conjugar os perigos que os países e os homens enfrentam hoje em dia.

A corrida armamentista, ao aumentar a tensão e o receio entre os Estados, provoca uma reação em cadeia que encerra o mundo num círculo vicioso. A potência destruidora das armas e cada vez mais aterradora, enquanto se levantam vozes que preconizam uma guerra preventiva.

Contudo, estamos convencidos de que o desarmamento é, não só uma necessidade imperiosa, mas possível. Até ontem, era um sonho de mentes generosas. Hoje, é uma tarefa por cumprir, que se impõe a todos.

Todos os povos se beneficiariam se a carga do armamentismo deixasse de pesar sobre a humanidade. O desarmamento liberaria recursos suficientes para elevar o nível de vida de todos os países. O desarmamento seria a disposição das nações subdesenvolvidas de meios para apressar o seu ritmo de crescimento econômico e social. O desarmamento implica a supressão das bases militares estrangeiras e a evacuação de todas as tropas que as ocupam; com isso se ajudaria os povos que lutam por sua independência nacional. O desarmamento deve ser geral, completo e sob estrito controle internacional. Não pode haver desarmamento sem controle, nem controle sem desarmamento.

Estudamos profundamente os obstáculos que dificultam a realização do desarmamento; sabemos que sua consecução será difícil. Há quem se oponha, inclusive, a toda negociação, uns por incompreensão e inércia, outros por defender os seus interesses privados, outros, enfim, por ambição militar. Entretanto, estamos convencidos de que podem ser superados todos esses obstáculos. Em qualquer plano de desarmamento podem encontrar-se pontos de equilíbrio, mas consideramos que é preferível por-se de acordo sobre um compromisso aceitável para todos, antes que prosseguir a corrida armamentista. A experiência demonstra que o desarmamento não pode chegar por si só; necessitando, seria perigosa a situação, mesmo sendo unicamente aos diplomatas, e especialmente aos militares, que ano após anos prolongam a discussão.

Sómente os esforços dos povos de todos os países poderão obrigar os estadistas a encontrar uma solução. Os protestos individuais, mesmo sendo numerosos, não são eficazes. Chegou o momento de criar um poderoso movimento de oposição popular à corrida armamentista e aos preparativos de guerra.

Se durante os últimos 17 anos a humanidade pôde escapar aos horrores de uma guerra nuclear, deve-se aos crescentes esforços dos povos pela paz. Mas, sabemos perfeitamente que são demasiados numerosos aqueles que ainda permanecem

fora da luta contra a corrida armamentista. Não que esses indivíduos sejam "inocentes úteis", mas que não compreendem a importância de sua missão. Não que não tenham consciência da responsabilidade que lhes incumbe na defesa da paz, a todos os níveis. "Aqui os olhos são os olhos que perscrutam sobre nós, ingressando em nossas vidas que lutam pelo desarmamento."

O tempo urge. Se não recebermos vigilância, amanhã poderão encontrar-se algumas termo-nucleares nos arsenais de dezenas de países, e o aperfeiçoamento dos foguetes e outros meios de transportes de tais armas poderiam impossibilitar o controle.

Opono-nos resolutamente a todo ensaio de bombas nucleares e de artefatos similares, tanto pelo perigo que contém para a vida e a saúde de nossa geração e das gerações vindouras, como porque incrementa a corrida armamentista. Apelo aos governos de todas as potências nucleares. Pedimo-lhes que, sem demora, se ponham de acordo para renunciar as provas de armas nucleares e subscrever um convenio que ponha fim para sempre a todos os ensaios, tanto na atmosfera como no espaço extratossférico, no subsolo como na água.

Tal acordo seria um primeiro passo para a proibição e a eliminação total dessas armas e dos veículos que as transportam. Nosso objetivo principal e urgente reside em conseguir que os governos assinem um tratado de desarmamento geral e completo sob um estrito controle internacional. Por esse motivo pedimos a adoção de métodos que promovam a discussão dos três planos de desarmamento formulados até agora a fim de chegar quanto antes a um tratado.

Sob a pressão da opinião pública e graças à ação dos Estados não comprometidos, as posições das principais potências negociadoras conseguiram, em certa medida, aproximar os seus pontos de vista sobre os princípios do desarmamento. No entanto graves divergências de opinião mantêm o impasse nas negociações. Enquanto os povos não intensificarem seus esforços não poderá ser subscreito um tratado.

Incumbe às forças da paz dar um exemplo ao promover uma melhor compreensão entre elas e dissipar o receio que as divide com demasiada frequência. Somos de opinião de que o Congresso contribuiu poderosamente para esse objetivo. É necessário, agora que em cada país, esta organização encontra os meios já empreendidos para prosseguir o que já empreendemos em comum. Quem permanecer passivo prejudica a causa da paz. De nosso esforço depende aproximar-se o dia em que a humanidade se libertará da ameaça da guerra nuclear. É imenso o número das pessoas que querem a paz! Se todos se unirem e se todos o fizermos conjunta e fraternalmente, poderemos abrir o caminho para o nosso grande objetivo comum: a manutenção da paz.

Moscou, 14 de julho de 1962.

MOSCOU FOI A CAPITAL DA PAZ

J. Câmara Ferreira
Enviado especial de NR

Moscou, julho — Emoção e alegria, esperança e determinação foram os sentimentos que nestes últimos dias dominaram não apenas os 3.000 delegados que, de todos os pontos do mundo, acorreram a esta Meça da Paz, mas também a população impressionante, a população de Moscou e de toda a União Soviética.

Nomes dos mais famosos do mundo da ciência, das letras, das artes, da vida associativa, ao lado de pessoas simples, que eram muitas vezes mandatárias de milhares de outras pessoas simples. Vestuários os mais variados e de vivas cores de povos asiáticos e africanos marcavam-se contra a vestimenta simples de um povo que já começa a esmerar nas roupas, mas que se caracteriza antes de tudo pela simplicidade. E sobre este pano de fundo, na sala imensa do Palácio do Congresso — prova, segundo Lúcio Costa, do renascimento artístico soviético — ou nos recintos mais modestos onde funcionaram algumas das comissões, a discussão por vezes apaixonada em que surgiam os pontos-de-vista mais disparates, todos exprimindo um anseio de paz profundo.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Uma das características que mais marcou este Congresso foi a livre exposição e mesmo a defesa apaixonada de teses muitas vezes contraditórias. Representantes de diversos movimentos específicos pela paz, ingleses e norte-americanos, divergiram, por vezes radicalmente, de opiniões emitidas pelo Movimento Mundial pela Paz, outros condenaram posições e medidas tomadas por países socialistas. A injustiça das acusações levou algumas vezes a maior frieza, outras a reprovar discretamente tais manifestações. Mas sempre se respeitou a opinião de quem quer que seja, por mais estranha que pudesse parecer, desde que exprimisse um desejo de paz. Em torno das relações entre a luta pela paz e o movimento de libertação nacional também foram formuladas teses diferentes, quando não contraditórias. Mas, partindo deste debate amplo e franco, é que se chegou à conclusão amplamente unânime expressa na Resolução final do Congresso — a

Mensagem aos Povos do Mundo. 3.000 votos contra apenas dois e 7 abstenções foram a expressão da ardente vontade de paz dos povos, da sua determinação de esmagar os provocadores de guerra e também os revisionistas e os que pretendiam aproveitar-se da realização do Congresso em Moscou para exprimir seus sentimentos anti-soviéticos.

OS PONTOS ALTOS

É difícil assinalar, sem se fazer "injustiça", os pontos altos do Congresso. O discurso inaugural de Bernal, pleno de idéias e de força. A palavra ardente de Titov, argumentando com a necessidade de um acordo de desarmamento para que possa haver colaboração na conquista do espaço cósmico pelos homens de todos os países, conquista que pode contribuir para uma mais rápida elevação do bem-estar geral. O apelo à paz dos sábios e trabalhadores científicos, desejosos de fazer com que os frutos de seus trabalhos sejam destinados apenas a melhorar a sorte da humanidade. O grito de horror das mães de guerra. O protesto dos povos africanos que ainda vivem sob o jugo do colonialismo, expresso na pala-

vra de Mário de Andrade, o líder do movimento de libertação de Angola. E o gesto de confiança e de orgulho dos dirigentes dos povos africanos que nestes últimos anos, conquistaram sua independência nacional. O discurso de Pablo Neruda, que resumiu os sentimentos de paz e de completa independência nacional dos povos latino-americanos, provocou, pela sua beleza e pelo seu conteúdo, uma das mais vigorosas ovações a que assistiu o Congresso. E que dizer do discurso de Nikita Kruschiov?

Entrando na sala, numa das sessões da tarde, logo no segundo dia de trabalhos, o primeiro ministro da União Soviética foi sentar-se em uma das cadeiras reservadas à delegação brasileira. E difícil descrever-se o entusiasmo que provocou sua presença ali. De pé, o povo aplaudiu minutos seguidos o chefe do governo da URSS. Suas palavras, pronunciadas logo em seguida, corresponderam inteiramente à expectativa daquela imensa massa. Elas foram uma completa prestação de contas dos esforços de paz da URSS, ao mesmo tempo que uma análise aprofundada da situação internacional, um apelo comovedor de um país que tem plena consciência de sua força mas que sabe que o princípio da paz e da coexistência pacífica é que devem nortear os atos dos

governantes. Se havia no Congresso alguém que até aquele momento era capaz de afirmar que as manifestações a favor da paz da União Soviética eram uma forma de "propaganda comunista", todos tiveram de se render diante da força de convicção dos argumentos ali expendidos. Foi precisamente o que ouvimos de uma delegada norte-americana: "Pode haver quem duvide da sinceridade das palavras de Kruschiov. Mas o que é inegável é que se o sr. Kennedy formulasse palavras idênticas a causa da paz e do desarmamento poderia ser considerada vitória." "Mais de duas horas permaneceu na tribuna Kruschiov, sorvendo apenas de quando em quando um gole de água. E foi sob uma ovação calorosa que, ao findar seu discurso, foi chamado para a presidência dos trabalhos.

ARTE A SERVIÇO DA PAZ

Não apenas no recinto do Congresso se trabalhou pela paz. Milhares de pessoas permaneciam todos os dias diante das portas do Palácio dos Congressos ou nas imediações do Kremlin, a espera da chegada ou da saída dos delegados. E com as flores que ofertavam ia o apelo a que tudo fosse feito para se evitar uma nova hecatombe mundial. "Façam tudo para evitar que aconteça a outras mães o que aconteceu a mim, que

perdi dois filhos na guerra" disse uma senhora de mais de sessenta anos, ao mesmo tempo em que oferecia um ramo de flores aos professores Alvaro Dória e Ernildo Lima, numa das vezes em que saltavam do ônibus diante do Kremlin. Sentia-se que com aquelas flores, com aquelas palavras que escahoavam dos seus lábios, com os distintivos que faziam questão de apresentar aqueles estrangeiros, vinha toda a alma soviética, todo seu imenso desejo de paz.

Mas o ato que mais contribuiu para convencer a todos — podemos usar a palavra todos aqui em sentido absoluto — da vontade de paz dos soviéticos foi o concerto oferecido aos delegados numa das noites. Mais de 1.000 artistas amadores de sindicatos da Geórgia, Azerbaijão, Ucrânia, Armênia, Kazajistão, Moldávia, etc. tomaram parte no espetáculo. E se as danças e os números acrobáticos mereceram palmas entusiásticas, a participação das crianças, num apelo vivo à paz, emocionou profundamente a todos. Um quadro em que se reproduzia o monumento aos mortos em fornos crematórios na Polónia, acompanhado de projeção em tela de filmes sobre os horrores da guerra e os benefícios da paz, também calou profundamente no ânimo de todos quantos ali se encontravam. E a apoteose final, com a

participação de mais de mil pessoas no palco imenso, tendo à frente uma mãe com uma criança no colo, fundiu definitivamente numa só vontade de luta decidida pela paz todos quantos ali se encontravam.

Estas são apenas algumas breves pinceladas do quadro maravilhoso que foi este Congresso, hoje encerrado.

Alguns dos participantes da delegação brasileira exporão diretamente aos leitores de NOVOS RUMOS suas opiniões. Os documentos fundamentais ali aprovados e os comentários que forem feitos dar-lhes-ão conhecimento dos seus principais resultados. Quanto a nós estamos convencidos de que, apesar da gravidade da hora que atravessamos — a guerra já não é inevitável, mas também não é necessariamente evitável — como disse um orador — o Congresso constituiu uma contribuição valiosíssima a causa da paz mundial. Tudo aquilo quanto aqui se debateu vai agora repercutir pelo mundo inteiro, através dos milhares de homens que desde ontem à noite começaram a encher estações e aeroportos. Uma imensa onda de paz pode e deve estender-se pelo mundo, uma onda mais alta e mais poderosa que os cogumelos das explosões atômicas norte-americanas, mais poderosa que a vontade dos provocadores de guerra, os assassinos da humanidade.



Brasileiros no Congresso da Paz

Os brasileiros que participaram do Congresso da Paz e pelo Desarmamento em Moscou foram 190. Delegação de personalidades políticas, intelectuais, dirigentes sindicais e estudantes, participou ativamente dos debates e encontros, tendo seu chefe, o embaixador Alvaro Lins, pronunciado o discurso oficial da representação brasileira. Numerosos médicos

participaram do conclave, entre eles os que em seguida assistiram o Congresso do Câncer que se realiza nestes dias na capital soviética. Nas fotos, o médico paulista Alvaro de Faria palestrando com delegados de outros países, e um grupo de facultativos brasileiros assistindo a uma reunião de médicos participantes do Congresso.

